

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Carto(foto)grafando o encontro de migrantes brasileiros com a China

Autora: Luciana Trombini Orsolin

Orientadora: Professora Dra Sandra Djambolakdjian Torossian

São Leopoldo, janeiro de 2008

Ao Felipe Telli Fisch pelo
amor dispositivo de todos
esses encontros.

Agradecimento

À Professora Sandra pela orientação, pela co-autoria e por participar das inquietações que emergiram no meu encontro com a China.

Aos meus pais Faustino e Ana, e aos meus irmãos Josué, Cristina e Gustavo por tornarem esse trabalho possível, por suportarem a saudade incentivando-me a vivenciar essa experiência.

Ao meu marido Felipe por ter participado da construção desse trabalho do início ao fim, pelos encontros de cada dia.

Sumário

Apresentação.....	06
I) Carto(foto)grafando o encontro de migrantes brasileiros com a China.....	08
Resumo.....	08
Abstract.....	09
1. Introdução.....	10
1.1 Encontro.....	13
2. A Carto(foto)grafia.....	18
2.1 A imagem e suas significações.....	21
2.1.1 A imagem e o capitalismo.....	24
2.2 A atenção cartográfica.....	25
2.3 A cartógrafa migrante brasileira na China.....	29
2.4 Mapeando o cenário de nossa carto(foto)grafia.....	31
2.5 Os migrantes do nosso estudo.....	33
2.6 Intervenção mutante.....	35
2.6.1 O primeiro encontro com todos os migrantes.....	35
2.6.2 Semana entre o primeiro e o segundo encontro (oficina).....	37
2.6.3 Oficinas.....	38
3. Os processos e suas análises.....	40
3.1 Sistema.....	41
3.1.1 Ações do governo e seus reflexos nos migrantes.....	42
3.1.2 Piraria, devir- migrante e o consumo.....	45

3.2 Comunicação.....	48
3.3 Diferenças.....	55
3.3.1 Cenas do cotidiano.....	55
3.3.2 Idosos e as tradições na China.....	57
3.3.3 Falta de higiene.....	59
3.3.4 Civilização “tipo bicho”.....	61
3.3.5 “Em terra de olho puxado quem tem olho redondo é rei”.....	62
3.3.6 Identidade carnavalesca na China.....	66
3.4 Adaptação e saudade.....	68
3.4.1 As viagens.....	70
3.4.2 O distanciamento da família.....	71
3.4.3 Céu azul e “um lugar para fazer um churrasquinho”.....	72
3.4.4 Relações modificadas.....	74
3.4.5 Decepções em relação ao Brasil.....	76
3.4.6 Se não é a China, nem é o Brasil, então é aonde?.....	77
4. A cidade subjetiva (O Entre).....	79
5. Referências Bibliográficas.....	84
II) Carto(foto)grafando a Migração Brasileira.....	87
III) “Not Made in China”: o Encontro de Migrantes Brasileiros com a China.....	107
Anexo.....	135

Apresentação

Essa *carto(foto)grafia*, entrelaçamento da cartografia e da fotografia, trabalha a emergente temática sobre migração, procurando entender o encontro de migrantes brasileiros com a China. O movimento do migrante brasileiro é acompanhado de gozos e sofrimentos que emergem pela experimentação, pela problematização de referenciais e pela saudade e renúncias que essa escolha de morar fora do país de origem produz. Tanto a permanência na China quanto o próprio retorno do migrante ao Brasil pode apresentar a necessidade da criação de um território existencial onde o brasileiro possa expressar seus afetos relacionados às intensidades vivenciadas. Assim o migrante passa por processos que envolvem territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Estudos sociológicos, geográficos, econômicos, psicológicos, entre outros contribuíram com esta dissertação sob amparo maior da esquizoanálise.

O leitor encontrará, primeiramente, o relatório da *carto(foto)grafia*, onde desenvolvemos nossa trajetória passo-a-passo, a chegada da cartógrafa ao campo, o território de observação, a intervenção realizada com os migrantes e as análises dos processos que emergem no encontro do brasileiro com a China.

Em seguida, apresentaremos o artigo *Carto(foto)grafando a migração brasileira* que será submetido à publicação na revista *Psicologia & Sociedade*. Esse trabalha a temática do uso da *carto(foto)grafia* para o entendimento dos processos que ocorrem no encontro dos migrantes. A cartografia, a fotografia e a própria migração são entendidas como dispositivo do encontro, colocando o migrante a problematizar suas vivências.

E por último apresentamos o artigo “*Not Made in China*”: *o Encontro de Migrantes Brasileiros com a China*, que será submetido à publicação na revista *Psicologia: Ciência e Profissão*. Esse traz novamente o encontro dos brasileiros com a China, analisando os processos de criação e significação que ocorreram em nossa intervenção.

Desculpamos-nos com o leitor pelas repetições que possam ser encontradas ao longo da leitura, mas apostamos que essas possam ser lidas a partir das intensidades dessa carto(foto)grafia.

I) Carto(foto)grafando o encontro de migrantes brasileiros com a China

Relatório de pesquisa

Resumo: Os encontros mobilizados nas migrações entre culturas são uma temática emergente que envolve muitos cidadãos brasileiros e outros cidadãos do mundo. Este relatório apresenta uma pesquisa que investigou o encontro de brasileiros migrantes com a China, procurando entender os processos, intensidades, afetos e afecções que nesse encontro emergiram. Para tanto utilizamos a *carto(foto)grafia*, que se constituiu de um entrelaçamento da cartografia com a fotografia. A exploração do campo ocorreu durante nove meses na cidade de Dongguan, situada ao sul da China. Realizamos uma intervenção com dez brasileiros residentes nessa cidade, na qual os migrantes produziram imagens fotográficas sobre seus encontros, imagens que foram discutidas posteriormente em oficinas. A atenção cartográfica permitiu-nos a seleção de algumas fotografias que foram analisadas a partir de processos de criação e significação, bem como foram relacionadas com a observação do campo e as intensidades que apareceram nessa intervenção. Os brasileiros migrantes criam um território existencial no qual dividem as dificuldades enfrentadas diante da vida na China e expressam seus afetos.

Palavras-chave: Cartografia e fotografia; migrantes brasileiros; Clínica do Encontro

Abstract : The mobilized encounters in the migrations between cultures are an emergent thematic that involve many Brazilian citizens and other citizens of the world. This report presents a research investigating the encounter of Brazilians expatriates with China, seeking to understand the processes, intensities and affections that emerged from this encounter. In such a way we use the *carto(photo)graphy*, meaning the interlacement of the cartography with the photograph. The exploration of the field occurred during nine months in the city of Dongguan, situated in south China. An intervention was carried through with ten Brazilian residents in this city. Each expatriate produced photographs about their encounters. Images that were later discussed in workshops. The cartographic attention allowed us the election of some photographs that were analyzed by process of creation and meaning. The photographs were also related to field comment. The Brazilian expatriates create an existential territory in which they share the difficulties faced living in China as well as the expression of their affections.

Key-words: Brazilian expatriate, encounter and clinic, cartography and photograph

1.Introdução

A mobilidade com que indivíduos se deslocam de um país para morar em outra localidade é característica da sociedade contemporânea e vem se tornando um fenômeno importante do mundo globalizado. Os avanços tecnológicos e a velocidade da informação conectaram o mundo de maneira a desmanchar com as integralidades sociais e culturais antes determinadas regionalmente (Baumann, 1999).

A miscigenação ocasionada por esta conexão facilitou a migração de sujeitos de diversas nacionalidades. Vivenciando em seu próprio território aspectos sociais e culturais de outros países, o indivíduo embarcou nos avanços da tecnologia e passou a habitar outros territórios (Baumann, 1999, Corsini, 2005, Martine, 2005). A migração assim é impulsionada pelo próprio modo de subjetivação que se tornou globalizado. Migrar agencia o desejo de experienciar outras culturas, buscar melhor remuneração, aumentar a capacidade de consumo, procurar aprofundamento em estudos, conhecer e criar novos mundos.

O Brasil é um país que tem como característica uma forte miscigenação. A mistura de costumes afros, indígenas, americanos e europeus faz com que os brasileiros sejam um povo de muitas raças e hábitos diversificados (Rolnik, 1998). A heterogeneidade vivida no Brasil, a descrença em relação ao país, as dificuldades do mercado brasileiro e, principalmente, a busca pela maior capacidade de consumo são algumas razões pelas quais há alguns anos brasileiros têm migrado para China (Beltrão e

Sugahara, 2006, Patarra, 2006, Sasaki, 2006). As autoridades brasileiras na China¹ estimam que atualmente residam aproximadamente cinco mil brasileiros no sul desse país.

Os brasileiros começaram a migrar em busca de melhores oportunidades de emprego para o sul da China por essa região ser um pólo de desenvolvimento do setor coureiro-calçadista (Ferreira, 2006). Alguns brasileiros levaram também suas famílias e muitas crianças brasileiras estudam, atualmente, em escolas chinesas ou escolas americanas na China. O que acontece quando um sujeito que viveu muitos anos na cultura, política e história do Brasil atravessa oceanos e se encontra com as intensidades da vida na China?

Pensando neste cenário desenvolvemos uma pesquisa, através do Mestrado de Psicologia Clínica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, procurando investigar como é o encontro dos brasileiros migrantes com a China. A noção de encontro é entendida a partir da leitura realizada por Deleuze (2002, 2003) de Spinoza. O encontro é acontecimento. Encontro dos corpos que possuem potência de afetar e serem afetados, e assim se transformarem. A clínica do encontro trabalha justamente onde ocorrem essas transformações dos corpos, acompanhando os processos de produção e as mutações de sentido.

¹ Conforme indicação da Embaixada do Brasil em Pequim na China não existem números precisos de brasileiros residentes no país em decorrência dos mesmos encaminharem vistos em diferentes lugares do mundo e de forma geral estes vistos costumam ser de turistas ao invés de residentes, o que dificultaria o controle do número de pessoas. Site da embaixada disponível em <http://www.brazil.org.cn/index_pt.htm>.

Realizamos assim uma intervenção junto a brasileiros residentes na China, onde a cartografia e a fotografia foram utilizadas num entrelaçamento como dispositivo de escuta e de encontros com a vida dos migrantes e suas intensidades. A carto(foto)grafia, nome dado a junção da cartografia com a fotografia, criou assim um espaço de inscrição de sentidos à experimentação destes migrantes, analisando os processos, seus gozos e sofrimentos e contribuindo para a formação de laços sociais.

Neste trabalho, primeiramente trazemos a noção de encontro (Deleuze, 2002) por entender que as migrações são encontros com diferentes intensidades da vida. A carto(foto)grafia é desenvolvida posteriormente como dispositivo do encontro, colocando os migrantes a problematizar suas vivências e significando-as.

Destacamos posteriormente a atenção cartográfica (Kastrup, 2007) como base deste estudo promovendo a seleção das cenas a serem fotografadas pelos migrantes e a seleção das cenas fotografadas a serem analisadas pela cartógrafa como processos de criação e significação. E passamos, finalmente, a uma descrição e análise de nossa prática junto aos brasileiros migrantes na China, procurando trazer algumas imagens produzidas pelos mesmos e também entender as transformações e significações que esse encontro promoveu.

1.1 Encontro

A noção de encontro recebeu contribuições importantes por autores como Winnicott, Reich e Ferenczi (Lessa, 2006), contudo em nossa discussão optamos por utilizar a concepção de Spinoza, e dos estóicos a partir da leitura de Deleuze (2002, 2003) e as próprias contribuições de Deleuze, por parecerem mais favoráveis à problematização do encontro dos migrantes brasileiros com a China.

Pensador racionalista do século XVII, Spinoza transformou algumas concepções filosóficas. Embora Spinoza fosse racionalista, este desenvolveu estudos contra os valores morais, construindo uma conceituação de ética, que tem como base as afecções e a afetividade (Deleuze, 2002).

Entendemos as afecções conforme Deleuze (1997, p.156-157):

Um efeito é, primeiramente o vestígio de um corpo sobre um outro, o estado de um corpo que tenha sofrido a ação de um outro corpo. (...). Conhecemos nossas afecções pelas idéias que temos, sensações ou percepções, sensações de calor, de cor, percepção de forma e de distância. (...). A afecção, pois, não só é o efeito instantâneo de um corpo sobre o meu, mas tem também um efeito sobre minha própria duração, prazer ou dor, alegria ou tristeza. São passagens, devires, ascensões e quedas, variações contínuas de potência que vão de um estado a outro: serão chamados afectos.

Para Spinoza, conforme nos mostra Deleuze (2002), o desejo vem antes da racionalidade. As mudanças corpóreas não dependem da razão ou da lógica. O homem nasce desejante e torna-se racional. O desejo é a potência de afetar e de ser afetado. Esta potência é de diferentes intensidades.

Spinoza (apud Deleuze, 2002) desenvolveu o entendimento sobre o encontro em busca da compreensão das relações entre os homens e do homem com o mundo. Afecções e afetos são resultados do encontro destes corpos. A potência de agir é a essência de um determinado corpo. Esta afeta e é afetada pela potência de outros corpos.

A alma, entendida por Spinoza como a idéia do corpo, é constituída por diversas idéias. A essência da alma é intensidade de potência e se apresenta como uma potência objetiva de pensar. Tratando-se do mesmo indivíduo, quando o corpo age, a alma pensa. Logo, a ação do corpo é a expressão objetiva da potência do pensar. Pensar e agir nunca estão separados (Deleuze, 2002).

Na concepção de Spinoza, o corpo-alma, ou corpo-espírito, são usados para trazer o desdobramento ético, visando a liberdade do espírito de pensar e dos corpos de agir. A liberdade é entendida como o momento em que o espírito pensa e o corpo age por necessidade própria, a partir de sua própria potência. O filósofo ainda coloca que o homem não nasce livre, este precisa conquistar sua liberdade. Intensificar a potência do corpo e da alma permite uma vida mais tranqüila. Esta é uma atitude ética (Deleuze, 2002).

O corpo tem a propriedade de agir, de afetar e ser afetado, propriedade essa, como colocamos, foi o que Spinoza chamou de potência. Contudo, nenhum corpo possui uma identidade fixa. A partir do encontro a transformação prevalece e por isso os corpos

nunca são os mesmos. As circunstâncias e os encontros com outros corpos fazem a forma do sujeito, forma sempre em transformação (Deleuze, 2002, Lessa, 2006).

Assim como Spinoza, os estóicos também combateram o platonismo e o racionalismo moral. Estes não perguntavam sobre a essência ou ser das coisas, como a filosofia de Platão. Os estóicos perguntavam sobre o sentido, procurando pelo movimento, pelas transformações, pela criação de novos mundos (Deleuze, 2003, Lessa, 2006). “Perguntas diferentes geram não só respostas diferentes, mas também novos caminhos de investigação” (Lessa, 2006, p.21).

Para os estóicos, o encontro dos corpos é o acontecimento. Um corpo age sobre outro e reage sobre ele próprio. Suas misturas também agem e reagem. O próprio corpo pode ser considerado um acontecimento, ou formado por diversos acontecimentos. O mundo é um acontecimento. A única coisa que se mantém neste mundo são as transformações. O acontecimento, assim, tem as propriedades do corpo, por isto ele é um extra-ser, ele não existe e sim insiste ou subsiste (Deleuze 2003).

No entre ou no limite da superfície de contato dos corpos é que está o acontecimento. As idéias são acontecimentos, são o encontro dos corpos. Os estóicos sugerem que se trata de entender o movimento no acontecimento e não buscar a compreensão do corpo em si (Deleuze 2003, Lessa, 2006).

Deleuze (2003) ainda coloca que para os estóicos, todo encontro dos corpos está sempre junto a uma cadeia infinita de ações. Não existem ações isoladas de outras ações. Dessa forma, a razão de uma ação, é atribuída à outra ação, formando assim uma cadeia de ações. Contudo os corpos são sempre causas nunca são efeitos, por isso se trata de uma cadeia causal de ações. Um corpo que foi afetado é uma causa passiva, um corpo que afeta outros corpos é uma causa ativa.

Assim, a partir de Spinoza e dos estóicos e em oposição à moral, Deleuze (2002, 2003) coloca que o encontro leva o sujeito a suspender e questionar os juízos de valor sobre as coisas do cotidiano. O impacto do encontro é que aciona esta suspensão. O encontro produz desta maneira, em alguma medida, a desorganização de hábitos e costumes. O efeito suspensivo e desregulador do encontro questiona o condicionamento do sujeito, por isso, o encontro é o que obriga o indivíduo a pensar. E pensar, para Deleuze, é sempre problematizar.

A partir desta reflexão sobre encontro é que entendemos a clínica. A clínica do encontro, do acontecimento, do entre, da ética. Ética pela liberdade. Nessa clínica não se busca investigar a essência humana através de representações da vida ou a origem intrapsíquica dos sintomas, mas acompanha-se o movimento, o processo. Ela trabalha na superfície onde os corpos se afetam, onde são produzidos os acontecimentos e as transformações de sentido (Lessa, 2006).

Desse modo temos uma clínica viva que experimenta o confronto de posições e que problematiza a experiência e não a abstração da mesma. Uma clínica ético-política que afirma a experimentação dos encontros afetivos como fonte de produção de subjetividade que é sempre

coletiva, porque não está abstraída e nem aprisionada no interior de um sujeito (Lessa, 2006, p. 70).

Nossa prática problematiza o encontro dos brasileiros com a China, logo também se trata de um encontro afetivo dos corpos e, assim, de um acontecimento. Acontecimento que se utiliza do paradigma ético-estético-político. Ético, problematizando os encontros sem qualquer julgamento moral e potencializando os movimentos de liberdade que são produzidos nos mesmos. Estético, entendendo como Deleuze (1992), a vida como *obra de arte* e valorizando a criação e invenção dos modos de pensar, sentir e estar neste mundo globalizado. E por fim político, entendendo-o como uma prática social que analisa os processos e transformações do coletivo que atravessam a experiência do migrante brasileiro.

Com o amparo da Esquizoanálise, nossa prática se fez através da carto(foto)grafia. A carto(foto)grafia surgiu a partir do encontro da cartógrafa com a China. A imagem é entendida como processo de criação do encontro do migrante com o cenário a ser fotografado. A cartografia, a fotografia e a própria migração são vistas como um dispositivo do encontro, colocando tanto o cartógrafo no campo que deseja produzir conhecimento, como o migrante-fotógrafo no encontro com a cena a ser produzida. Além disso, consideramos que a migração coloca o migrante no encontro com o novo território. Estes encontros problematizam a vida e possibilitam a criação de novos mundos, onde é possível a expressão de afetos contemporâneos.

2. A Carto(foto)grafia

A cartografia foi escolhida para a compressão dos encontros dos migrantes com a China, por se entender que ela constitui, assim como a fotografia e a migração, um dispositivo do encontro produzindo questionamentos sobre o instituído.

O dispositivo é uma rede, um conjunto heterogêneo, multilinear de práticas de saber, poder e subjetivação (Deleuze, 1996). Nas linhas do saber estão as curvas da visibilidade e da enunciação. O dispositivo pode ser entendido, então, como uma máquina de fazer ver e fazer falar. Na dimensão do poder, estão as linhas da força, que tangenciam as curvas da visibilidade e da enunciação, em um movimento de vai e vem, entre dobras de um ponto a outro, tecendo o saber. E por fim, um dispositivo é construído também pelas linhas de subjetivação, linhas que resistem a ações de forças que conduzem a contornos definitivos. A dimensão da subjetivação recurva essas forças sobre si próprias, escapando aos saberes e poderes estabelecidos, embora possa ser capturada por estas forças novamente. A dimensão da subjetivação é a dimensão do si próprio. As linhas da subjetivação aparecem como linhas de fuga, que transpõem o limiar de um dispositivo, abrindo uma fissura.

O dispositivo do encontro coloca então a cartografia, a migração e a fotografia num entrecruzamento. Tecendo, através de linhas de forças que se movimentam entre o fazer ver e fazer pensar, a construção do entendimento desses encontros. E junto com essa construção, aparecem as linhas de subjetivação, que dobram essas forças sob elas

mesmas de maneira a permitir que o encontro do migrante, da imagem e da cartografia crie alternativas, linhas de fuga a forças intransponíveis, possibilitando a construção de um território existencial.

Construída por G. Deleuze e F. Guattari (1995), a cartografia não procura representar um objeto, mas acompanhar um processo de produção, traçando os movimentos imanentes a própria produção de subjetividade e, assim, permitindo a construção do presente. Rolnik (1989, p.15) propõe que a cartografia

acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos- sua perda de sentido- e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes se tornam obsoletos.

O processo de um migrante se assemelha ao movimento da cartografia, desconstrução de mundos e formação de outros. O território que o migrante passa a habitar traz questionamentos através de diferentes hábitos, costumes, e intensidades do novo território. Isto pode fazer com que o sujeito necessite dar significação aos afetos experimentados.

A cartografia assim vem mapear a experiência de migração e a fotografia soma-se a ela num processo de entrelaçamento, no qual se podem problematizar os encontros bem como significar ao migrante as intensidades vivenciadas.

A idéia de utilizar a cartografia e a fotografia entrelaçadas como dispositivo neste estudo emergiu do meu encontro com a China. A primeira vez que estive no país foi em março de 2006. Fui conhecer o local no qual, quase um ano depois, iria morar. Passando

pelas ruas largas e bastante arborizadas da cidade, sente-se um cheiro adocicado característico do local no ar. O fluxo de carros é intenso, caótico, tão intenso quanto às buzinas. As pessoas falam o Mandarim (língua oficial da China) e o Cantonês (língua da região). É difícil encontrar pessoas que se comuniquem em inglês. Mc Donalds, Pizza Hut e diversas multinacionais estão estabelecidas por todos os lados. Grandes shoppings com uma diversidade de produtos falsificados das mais variadas marcas. Comidas gordurosas, salsinha doce, povo magro. Chineses pedem para tirar fotos com pessoas de “olho redondo” (ocidentais). Comércio aberto de segunda a segunda, pelo menos das 9 horas às 21 horas e 30 minutos. Prédios e produtos com inscrições em ideogramas. Construções por todos os lados. Som alto de furadeira. Céu cinza, muito cinza, poluição.

O Mandarim é uma língua muito difícil de ser aprendida pelos brasileiros (e talvez por todos os migrantes do ocidente). A comunicação dos brasileiros com os chineses em grande parte das vezes acontece por mímicas. A própria escrita do mandarim em ideogramas não permite que se reconheçam os locais ou estabelecimentos, pois os estrangeiros não conseguem ler o que está escrito nas placas e letreiros. Diante da falta de comunicação através da linguagem verbal, os brasileiros vão à busca de imagens que os referenciem, como os desenhos nas embalagens dos produtos ou imagens que identifiquem em qual estabelecimento estão entrando.

Esta necessidade de direcionar a atenção para as imagens seja de marcas, da cidade, ou do próprio corpo como possibilidade de informação e comunicação, deu-nos a idéia da utilização da fotografia. A imagem cria uma série de mensagens as quais o texto

por vezes não consegue produzir, do mesmo modo em que a fotografia coloca o fotógrafo no encontro com o cenário a ser capturado. Assim conectamos a cartografia e a fotografia uma permeando a outra, pelos encontros que estas promovem e pela multiplicidade de universos mutantes a serem capturados. A essa conexão da cartografia com a fotografia, nomeamos de “carto(foto)grafia”. Para a realização de um estudo desta natureza faz-se necessário o entendimento da imagem e suas possíveis significações.

2.1 A imagem e suas significações

As pesquisas com imagens em Ciências Humanas ainda são muito marcadas pela tradição positivista. Tacca (2005b) percebe a necessidade da produção de novas práticas, através das quais a criação e a subjetividade possam obter outro sentido no olhar fotográfico, um olhar que fuja aos engendramentos objetivos e a neutralidade relacionadas as restrições deste tipo de ciência.

A imagem técnica, como definiu Vilém Flusser (s/d apud Tacca, 2005b), é qualquer imagem produzida por aparelho. Esta se tornou saber institucionalizado academicamente na segunda metade do século XX, através do estudo da significação pelas ciências da semiologia e da semiótica (Tacca, 2005b).

Na Psicologia a fotografia vem sendo utilizada em diferentes áreas. Alguns trabalhos são realizados com a utilização da fotografia como representação ou ainda auto-imagem (Koller e Silva, 2002). Nosso entendimento distancia-se destas idéias. A fotografia além de colocar o sujeito no encontro com o cenário a ser fotografado, passa

pela linha da criação. A imagem é entendida como possibilidade de significação e expressão de afetos experimentados.

O encontro de possíveis significações na fotografia teve seu início em 1962 com Roland Barthes (Tacca, 2005a, 2005b). Autor de grandes clássicos como *A Câmara Clara* (1984), Barthes apontou que a fotografia se caracteriza por ser puramente denotativa. A denotação é a composição dos elementos da fotografia em si, dos elementos que formam determinada cena (Barthes, 1962 apud Tacca, 2005a, 2005b).

A leitura possível dos elementos que compõem uma fotografia é a conotação. Barthes (1962, apud Tacca, 2005a, 2005b) coloca que a conotação da fotografia é frágil por ser uma mensagem sem código, e o que permite sua leitura são aspectos da história pessoal e formação cultural do fotógrafo e do espectador (àquele que está a olhar a imagem), bem como a conotação de nossa estrutura lingüística. Logo a procura pela leitura possível da fotografia, daquilo que não está significado ('insignificância' da fotografia), é a procura pela conotação (Barthes, 1962, apud Tacca, 2005b, p.13).

Nossa compreensão sobre as significações da imagem abrange algumas idéias de Barthes (1984) no sentido que entendemos que é possível observar os elementos criados de uma imagem e procurar entender os seus sentidos os relacionando ao campo social. Contudo, discordamos quando este trata a fotografia somente como representação, "a fotografia é sempre alguma coisa representada" (Barthes, 1984, p.49).

Entendemos que a imagem é sempre imersa em um ambiente cultural, em valores de um determinado campo em decorrência da subjetivação, por isso a relacionamos ao campo social, contudo, entendemos que ela faz parte de um processo de criação do encontro do fotógrafo com o cenário. Assim, ela transforma e é transformada pelo sujeito que está a produzi-la. Como sugere Maciel (1996, p.255) “sujeito, objeto e imagem não são definidos nas suas distâncias, mas na contigüidade que transforma um em outro numa metamorfose permanente”.

As significações são resultados da imagem, da experiência daquele que a produziu e daquele que está a observá-la. A imagem dentro de um contexto cultural, seja ela simbólica, estética ou epistêmica, é sempre a construção de um cenário que permite significações (Tacca, 2005b). A imagem coloca o migrante no encontro com o cenário, problematiza esse encontro e permite que o migrante capture os elementos-processo desta experiência de migração significando-os.

A fotografia assim possibilita que a leitura do cartógrafo, permeada pelo próprio fazer cartográfico bem como pelo olhar daquele que produziu a fotografia, possa desenhar em certa medida os processos que estão em produção nestes encontros. Nossa atenção é direcionada assim para o que ela cria no migrante. A criação nos dá pistas das intensidades vividas, das forças que estão atuando neste campo de transformações, as quais podem ter diferentes sentidos para cada um.

A imagem, assim, dotada de sensibilidade da experiência, age não na representação dos mundos, mas como pulsação. Pulsação enquanto potência de afetar outros corpos. O desejo pela criação da forma face ao estranhamento coloca o fotógrafo-artista diante da intensidade da vida.

Por fim, a fotografia não tem a pretensão de cartografar “verdades” sobre a migração e seus encontros. A carto(foto)grafia captura a textura sobre a experiência de um migrante em um novo ambiente, de maneira que a intenção de fotografar algo e o fotógrafo são transformados (pelo) e transformam o encontro com aquilo a ser fotografado. Isto ocorre numa troca incessante de intenções, emoções e práticas, as quais falam de um modo de vida ao mesmo tempo em que vão modificando este modo por possibilitar criações de laços sociais, sentimentos de relação com este novo mundo.

2.1.1 A imagem e o capitalismo

A imagem técnica, desenvolvida por um aparelho, sempre esteve relacionada à história do capitalismo, seu surgimento e desenvolvimento na Europa. Caracterizada pela busca simbólica do conhecimento deste mundo em constante transformação, a fotografia acabou mergulhando na estética e na ideologia. O desenvolvimento tecnológico, o aparecimento das máquinas digitais, mesmo que ainda não acessível à grande parcela da população, transferiu técnicas àqueles que não entendem as especialidades da fotografia (Tacca,2005b).

As técnicas relacionam-se com a intenção. A fotografia captura, de certa forma, o que o olhar humano deseja. Isso não significa capturar o “real”, mas talvez o que “se quer parecer ser”. O sentido para o fotógrafo pode não ser o mesmo para àquele a olhar a fotografia, mas sua criação e seu contexto estarão inundados do modo de produção capitalístico². O fotógrafo está vivendo sob a lógica do capital a qual produz o desejo direcionando-o ao consumo. A estética da fotografia torna a mesma mais atraente.

Para analisarmos o cenário da imagem, como colocamos anteriormente com Tacca (2005a, 2005b), consideramos o campo em que o fotógrafo está inserido. O campo que afeta e é afetado pelo fotógrafo-migrante.

Partindo assim do entendimento da imagem como processo de criação e significação e sua relação na lógica capitalista, continuamos o processo de nossa carto(foto)grafia. Na base da construção de um entendimento desta natureza está o funcionamento da atenção do cartógrafo.

2.2 A atenção cartográfica

O cartógrafo conecta-se com o mundo e assim o experimenta (Rocha, 1993 apud Fonseca & Kirst, 2004). A atenção cartográfica é flutuante, concentrada e aberta, sem

² Guattari criou o termo capitalísticos, ao invés de capitalista, para incluir os países do leste os quais são regidos por sistemas socialistas, mas que na verdade vivem uma “relação de dependência e contradependência do capitalismo”, e neste sentido não diferem dos modos de produção de subjetividade dos países capitalistas (Guattari & Rolnik, 1996, p.15).

focalização específica. Kastrup (2007) sugere que atenção cartográfica tem quatro variedades: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

O rastreio limpa inicialmente o campo. A atenção rastreadora visa algo em variação contínua. O objetivo surgirá quase imprevisivelmente, através da localização de pistas ou signos de processualidade. Ela acompanha as mutações, o movimento, ritmo e velocidade. Aberta e sem foco, a atenção se concentra por uma tênue sintonia “pelo e no problema”. A meta é alcançar “uma atenção movente, imediata, rente ao objeto-processo” (Kastrup, 2007, p.18). A atenção cartográfica explora o território sem trajetória definida até que algo a toque.

O toque desperta o processo de seleção. Ele é uma rápida sensação, um contato momentâneo, leve e por vezes elementar, com potência de afetação. “Algo acontece e exige atenção” (Kastrup, 2007, p.19). Algo se destaca dos demais elementos observados, contudo, não é apenas um estímulo pedindo por foco. Ele sinaliza que há um processo em curso convocando uma atenção concentrada. A forma não é o que o destaca, mas sim sua heterogeneidade, sua “rugosidade” (Kastrup, 2007, p.19). O elemento capaz de afetar vem do ambiente e por isso sua natureza é exógena, assim não se caracteriza por uma inclinação relacionada à subjetividade do cartógrafo. Aqui a atenção não atinge o nível das representações ou percepções dos objetos, mas sim das sensações. O toque revela a multiplicidade de possibilidades em uma pesquisa, não apontando para um fim determinado. A cartografia assim se assegura de sua prática sem abrir mão da “imprevisibilidade do processo de produção do conhecimento” (Kastrup, 2007, p.19).

O pouso é a hora da parada. Parada no movimento e não do movimento. Neste gesto a percepção aproxima-se do objeto-processo. Esta aproximação não deve ser confundida com focalização. A atenção fecha-se, muda seu posicionamento, reconfigurando o campo de observação onde um novo território se forma. Muda-se de janela atencional (Vermesch, 2002a apud Kastrup, 2007). A janela atencional mostra-nos que há um espectro onde se apreende atenção. Esta referência espacial da janela demonstra o centro em torno do qual o campo organiza-se momentaneamente, contudo esta referência é móvel e dá passagem a outras janelas com diferentes formas de existir embora existam em um mesmo tempo (Kastrup, 2007).

A quarta variedade da atenção cartográfica colocada por Kastrup (2007) é chamada de reconhecimento atento. Ocorre uma atração por algo que convoca o pouso da atenção, reconfigurando o campo de observação, onde o gesto do cartógrafo não é se questionar o que é esse algo, mas sim acompanhar seu processo em produção. Neste momento a atenção pede pela repetição da suspensão, nos levando novamente ao objeto para destacar sua singularidade (Bergson, 1897/1990a, apud Kastrup, 2007). A percepção conecta-se a memória de imagens do passado, reconduzindo-nos aos objetos para verificar seus contornos. Contudo, o reconhecimento não ocorre por associação ou percepções cumulativas de idéias, mas em forma de circuitos. O reconhecimento é ponto de cruzamento entre a percepção e a memória. A memória para Bergson (1897/1990a, apud Kastrup, 2007) duplica a percepção.

Enfim o importante do reconhecimento atento (...) é a revelação da construção da percepção através do acionamento dos circuitos e da expansão da cognição. A percepção se amplia, viaja percorrendo

circuitos, flutua num campo gravitacional, desliza com firmeza, sobrevoa e muda de plano, produzindo dados que, enfim, já estavam lá. A atenção atinge algo ‘virtualmente dado’, construindo o próprio objeto através de circuitos que a atenção percorre (Bergson, 1897/1990 apud Kastrup, 2007, p. 20).

Abandonar a atenção seletiva, a qual costuma dominar nosso funcionamento cognitivo e acionar a atenção cartográfica (flutuante, concentrada e aberta) é essencial para o trabalho do cartógrafo. Assim, evita-se que acontecimentos importantes passem despercebidos, bem como se evita uma atenção rígida e controlada em determinado foco (Kastrup, 2007).

O trabalho do cartógrafo, assim, começa na chegada ao campo, onde inicialmente deixam-se as expectativas e saberes em favor de uma atenção sensível. A atenção cartográfica possibilita a “criação de um território de observação”, onde “emerge um mundo que já existia como virtualidade e que, enfim, ganha existência ao se atualizar” (Kastrup, 2007, p. 22). Faz-se importante, para construção deste território de observação, a análise dos lugares os quais o cartógrafo ocupa, afim de se entender os processos que estão acontecendo, sem que isso seja determinado pela inclinação subjetiva do mesmo.

Os movimentos de encontro do migrante com o cenário a ser fotografado apresentam um movimento similar ao da atenção cartográfica. O migrante-fotógrafo também rastreia suas experiências passando pelos cenários até que algo o toque. O fotógrafo mergulha neste campo. No encontro com o cenário, elementos-processo emergem modificando e sendo modificados pelo próprio migrante-fotógrafo. Colocando-o a problematizar sua vida e expressar sentimentos vivenciados diante da migração.

2.3 A Cartógrafa Psicóloga Brasileira Migrante na China

O encontro com o território a ser carto(foto)grafado fez com que eu me deparasse com os estranhamentos da China, ao mesmo tempo em que esta experiência questionou e ainda questiona meu ser cidadã brasileira. Desta forma, durante toda carto(foto)grafia analisei os lugares que habito e as implicações destes lugares no meu encontro com o campo que foi estudado.

A análise de implicação, segundo Paulon, (2005, p.23) tem como princípio a idéia de que a aproximação com o campo a ser pesquisado inclui sempre a verificação da dimensão que estes acontecimentos vivenciados ou observados têm em relação à história do pesquisador e

(...) sobre o sistema de poder que legitima o instituído, incluindo aí o próprio lugar de saber e estatuto de poder do 'perito pesquisador'. O dispositivo saber-poder identificado por Foucault (1978, 1979) oferece a ferramenta conceitual necessária para que pesquisador/interventor coloque a instituição pesquisa em análise.

Coimbra (1995, apud Paulon, 2005) sugere que se analise não apenas a ligação do pesquisador com o âmbito da intervenção, mas o lugar que se ocupa nas relações sociais, no cotidiano, em outros locais da profissão e em sua vida. O profissional implicado deve analisar as suas relações sociais e referências institucionais, bem como seu lugar no trabalho.

Analiso, assim, a minha implicação nesta carto(foto)grafia, desde a escolha do tema, a criação do projeto e o meu acesso ao campo, iniciado em Janeiro de 2007, enfim durante todo o processo. Vivenciei, transformei e analisei os encontros até outubro de 2007, carto(foto)grafando, no encontro com a China durante nove meses, o encontro dos brasileiros com o país. Entre este período passei um mês no Brasil (junho), quando foi possível trabalhar essa pesquisa no distanciamento. Nesse mês pude construir junto com a orientadora, através de encontros, agora não mais encontros virtuais, algumas análises dos processos que estavam acontecendo com os migrantes na China e comigo mesma, como cartógrafa, migrante, brasileira, filha, estudante, entre outros lugares que ocupo nas relações sociais.

O encontro com o Brasil me colocou no distanciamento do campo. Intencionalmente não chamei de reencontro por tratar-se de eu modificada pela experiência na China, sendo modificada (pelo) e modificando também o Brasil, pelos novos afetos e mergulhos nessa experiência de voltar ao país. Este distanciamento permitiu rever a intervenção que eu viria a realizar e suas possíveis análises. Através de esforços incessantes da minha orientadora, por estar mais distanciada do processo, foi possível diferenciar processos que se tratavam de intensidades da minha experiência de migração e que não necessariamente se transpunham aos processos dos outros brasileiros. Transformada pelas orientações, pelos encontros com o Brasil e com meus familiares, voltei para China em julho, quando novamente me encontrei com esse território e novas transformações emergiram. Em agosto de 2007 realizei uma intervenção junto a alguns brasileiros migrantes residentes na cidade de Dongguan, ao sul da China.

2.4 Mapeando o cenário de nossa carto(foto)grafia

A República Popular da China (*Zhonghua Renmin Gongheguo*), ou somente China (*Zhong Guo*), fica situada ao leste da Ásia e oeste do Oceano Pacífico. Com uma área de 9,600,000 quilômetros quadrados, é o terceiro maior país do mundo e tem mais de 1,3 bilhões de habitantes. Vizinha de muitos países a China tem uma fronteira terrestre de 22.117 km e tem fronteiras com a Rússia, a Mongólia, Cazaquistão, Quirquízia, Tajiquistão, Afeganistão, Paquistão, Índia, Nepal, Butão, Mianmá (antiga Birmânia), Laos, Vietnã e Coréia do Norte³.

Cinquenta e seis etnias fazem parte da China, sendo que cerca de 92% da população é da etnia Han. As demais são consideradas minorias étnicas por somente 8% da população fazer parte deste grupo. Cada etnia possui sua própria cultura e religião. O budismo é a religião que tem mais adeptos⁴.

A língua oficial do país é o Mandarim, língua própria da etnia Han, embora se falem dialetos muito diferentes na China. As formas dos caracteres foram progredindo gradualmente de desenhos para traços, das figuras para símbolos, em seis mil anos de história. Cada caracter Han é uma sílaba e geralmente eles expressam um som e um sentido. O Grande Dicionário da Língua Han (publicado entre 1986 e 1990) traz mais de

³ Embaixada da China no Brasil. Acessado em 4 de setembro de 2007. Disponível em <<http://www.embchina.org.br>>.

⁴ Idem 3.

56 mil caracteres. Contudo, na prática os caracteres em uso são cerca de quatro mil. A escrita em chinês não possui somente a função de registrar ou transmitir a linguagem, mas também se tornou objeto artístico de grande valor⁵.

A cidade de Dongguan, onde a intervenção foi desenvolvida, é situada na Província de Guangdong, ao sul da China. Há vinte e cinco anos atrás essa cidade era uma vila de pescadores. Hoje é considerada um grande centro industrial, com um área de dois mil quatrocentos e sessenta e cinco quilômetros quadrados e mais de seis milhões de habitantes⁶.

Na China cada cidade é separada em várias regiões administrativas. Essas regiões são chamadas de distritos. No distrito de Dongcheng, em Dongguan, residem muitos estrangeiros, talvez por essa ser uma região nobre na cidade⁷. Caminhando ao redor deste distrito, dificilmente não se encontrará um brasileiro. Restaurantes e diversos outros comércios como supermercados, açougues e salões de beleza são direcionados à população de brasileiros migrantes nesta região.

⁵ Idem 3.

⁶Dados encontrados no site oficial de Dongguan. Disponível em <<http://english.dg.gov.cn/POPULATION.htm>>.

⁷ Idem 6.

2.5 Os migrantes do nosso estudo

A participação de alguns migrantes brasileiros, começou a ser solicitada em julho de 2007. Procurei focalizar a explicação do estudo no entendimento de questões culturais para que os brasileiros pudessem entender de uma forma simples do que se tratava a pesquisa. À medida que eu convidava os migrantes estes não demonstravam disponibilidade para participar e respondiam ao convite com questões como: “Quantas pessoas vão ser o grupo?” “Mas eu terei que falar da vida das outras pessoas aqui na China?” “Quem vai ser o grupo?” “Se eu quiser posso ficar quieto?”. “As pessoas vão falar de mim?” “Não posso participar porque estarei viajando.”

Muitos convites foram feitos até que dez brasileiros, cinco casais, com idade entre 22 e 39 anos aceitaram participar da construção deste estudo⁸. O fato de serem casais não era uma condição prevista, ocorreu espontaneamente. À medida que eu fazia a seleção, já convidava o casal, porque percebia que os sujeitos tinham mais aceitação quando eu convidava ambos.

Entre os 10 participantes desta carto(foto)grafia, a pessoa que morava há mais tempo na China, estava vivendo há 13 anos no país. O casal que morava há menos tempo chegou à China em fevereiro de 2007. A escolaridade dos migrantes participantes situava-se entre segundo e terceiro grau completo.

⁸ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Cada um dos participantes assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo), também aprovado pelo Comitê.

Todos os homens participantes do estudo migraram em busca de melhor remuneração no trabalho. Todos estavam empregados na China no setor coureiro-calçadista e já trabalhavam nessa área no Brasil. Entre as mulheres apenas uma trabalhava também no setor coureiro-calçadista e já tinha emprego na China quando migrou, as demais estavam desempregadas e procuravam emprego. Todas trabalhavam no Brasil antes de optarem por morar na China. As mulheres, quando ainda moravam no Brasil, trabalhavam em áreas como administração, educação de ensino médio, promoção de vendas em fábrica de calçados e comércio de móveis.

Os homens participantes da nossa carto(foto)grafia falavam inglês. Isso é um pré-requisito pela natureza do trabalho que envolve comércio exterior ou negócios internacionais. Se a empresa não é chinesa, os fornecedores o são, isso faz com que pelo menos o inglês seja necessário. Entre as mulheres da nossa pesquisa somente uma não falava inglês.

No meu encontro com os participantes, seus afetos e experimentações, a intervenção foi se transformando e o grupo, primeiramente planejado para ser realizado com todos os migrantes reunidos foi se constituindo em oficinas realizadas com cada casal separadamente, em suas próprias residências. Isso ocorreu a pedido dos próprios migrantes.

2.6 Intervenção mutante

A intervenção junto aos migrantes brasileiros ocorreu em dois momentos: um primeiro encontro onde estavam todos reunidos e foram debatidas algumas idéias e escolhidas, no grupo, quatro temáticas para serem fotografadas relacionadas à experiência de migração de cada um. No segundo momento, realizamos uma oficina separadamente com cada casal na qual debatemos sobre suas experiências e sobre as imagens produzidas. Entre o encontro e a oficina houve um espaço de uma semana para que fossem produzidas as fotografias.

Os encontros sujeito-pesquisador-pesquisado foram registrados através de um diário de campo. Esse instrumento serviu para registro de meus passos e percepções, registro da convivência com a comunidade brasileira neste espaço, dos depoimentos e das imagens produzidas pelos migrantes.

2.6.1 O primeiro encontro com todos migrantes

Realizado na sala de convenções de um hotel na cidade de Dongguan no mês de agosto de 2007, o primeiro encontro reuniu os dez brasileiros migrantes que aceitaram participar da pesquisa. Nesse foi realizada uma explicação mais detalhada do estudo, possibilitando o esclarecimento de algumas dúvidas dos participantes. Debatemos sobre a vida na China através de relatos das vivências pessoais de cada migrante que ali estava,

bem como estabelecemos algumas temáticas a serem fotografadas a partir dessas vivências.

Após aproximadamente quatro horas de discussão sobre a cultura chinesa, sentimentos compartilhados sobre as vivências face ao encontro com a China e a saudade do Brasil, as temáticas estabelecidas pelos brasileiros para serem fotografadas foram:

- Sistema na China: este tema emergiu em relação à forma de vida regrada dos chineses. O olhar dos brasileiros para os chineses em relação ao excesso de trabalho. A pirataria na China, a limpeza das ruas, dos parques, o trânsito caótico e o governo chinês.

- Comunicação: a dificuldade de se fazer entender ou de entender algo que os chineses estão dizendo e as conseqüências desta dificuldade, fizeram com que a comunicação fosse um dos temas a serem carto(foto)grafados neste estudo. A árdua tarefa de se comunicar através de mímicas é encontrada na vida cotidiana dos brasileiros no país do Dragão.

- Diferenças culturais: este tema parece estar sempre presente em todas as falas. O grupo trouxe as diferenças culturais o que os mobiliza a questionar valores e a se deparar com o estranhamento de um modo de vida tão diferente.

- Adaptação e saudade: este foi o último tema emergente. Relacionado aos modos de suportar a vida na China. A discussão se deu em torno de coisas das quais os brasileiros

têm saudades, das quais os mesmos se privam quando estão fora do país. Além disso, neste tema foi mencionada também a adaptação dos chineses em relação à convivência com os brasileiros na China.

Após as temáticas serem escolhidas e trocados afetos entre os participantes do grupo em relação à vida na China, teve-se então uma semana de intervalo entre este encontro e as oficinas (realizadas com cada casal separadamente). Neste intervalo os migrantes produziram as fotografias.

2.6.2 Semana entre o primeiro e o segundo encontro (oficina)

Durante a semana de intervalo entre o primeiro e o segundo encontro, eles foram produzindo as fotografias relacionadas às temáticas escolhidas. Havíamos combinado que cada migrante fizesse duas fotos por tema, contudo, face ao encontro destes com o cenário a ser capturado, os mesmos foram fotografando quantas imagens acharam necessárias de acordo com os temas.

Os migrantes foram construindo desse modo uma série de questionamentos e significações a partir de suas experiências singulares enquanto brasileiros na China. Isso se deu a partir de vários lugares que cada um ocupava como marido, esposa, mulher, homem, estudante, trabalhador, filha, entre outros lugares que também são transformados a partir desta experiência de migração. Muitas das fotografias apresentaram mais de uma temática, isso ocorreu para todos os casais.

2.6.3 Oficinas

As oficinas acontecerem uma semana após o primeiro encontro. Estas são aqui entendidas como dispositivos utilizados para agenciar mudanças na vida dos participantes, de maneira que esses pudessem reinventar seu cotidiano (Rauter, 2003). Foi realizada uma oficina com cada casal. Algumas oficinas tiveram aproximadamente duas horas de duração, outras em torno de quatro horas, de acordo com o modo em que o próprio casal ia conduzindo o encontro. Todas as oficinas foram gravadas e transcritas.

Alguns casais produziram as fotografias juntos, outros preferiram fazê-las separadamente. Durante a oficina, levei as fotografias que aquele casal realizou impressas, aproximadamente 15 fotos. Abri as mesmas em uma mesa e iniciamos a discussão de maneira livre. Uns preferiram seguir a discussão pelos temas, outros preferiram falar de forma geral, sem a seqüência temática. As imagens e as falas sobre suas experiências foram permitindo o surgimento de sentimentos em relação ao encontro com o território que os brasileiros passaram a habitar. Os mesmos foram significando afetos vivenciados relacionados à vida na China, à saudade do Brasil, bem como as coisas brasileiras das quais se envergonhavam ou das quais não sentiam mais saudades, embora aparecesse, em alguns momentos, a culpa por ter este sentimento de recusa do Brasil.

A interação entre aquele que cria a imagem, a análise daquele que está a observá-la e a imagem em si interpõe fluxos que passam por uma série de sensações e

transformações. Desta forma utilizamos a atenção cartográfica para o processo seletivo das falas e imagens, relacionando os elementos denotativos que compunham cada cena, as histórias e intensidades trazidas pelos migrantes, sempre entendendo esses elementos e o campo social como um processo de criação.

3. Os processos e suas análises

A trajetória do entendimento deste estudo foi sendo construída conforme nossa atenção cartográfica ia sendo tocada. Começamos a análise sobrevoando nossa atenção pelas imagens de maneira ampla. Colocamos em uma mesa o total de 81 fotografias que foram produzidas pelos migrantes do nosso estudo, o que permitiu a visualização de todo o conjunto de imagens.

Algumas imagens que convocavam nosso mergulho se destacaram das demais e foram selecionadas. Fotografias que se diferenciavam de outras pela diversidade ou intensidade dos elementos que as compunham, das quais emergiam significados relacionados à experiência dos brasileiros na China.

Aproximada nossa atenção sobre algumas imagens que pediam por seleção, procuramos analisar a denotação das mesmas. Conforme descrito anteriormente, a denotação das imagens são os elementos que compõe a cena fotografada. E assim relacionamos esses elementos a sua conotação, a possível leitura dos mesmos. A conotação da imagem faz-se pela relação dos elementos da cena com seu território, a sua história, política, cultura, conjunto de valores em um determinado tempo (Barthes, 1984, Tacca, 2005a, 2005b). Procuramos analisá-las então compreendendo que as mesmas fazem parte de um processo de criação que transforma o fotógrafo-migrante e o próprio cenário a ser fotografado, permitindo significações.

Passamos nossa atenção sob os elementos e fizemos a relação com o campo para entendermos o processo que ali estava acontecendo. Rastreamos e entrelaçamos os elementos das imagens, falas dos migrantes, a literatura, o diário de campo e minha convivência com a comunidade brasileira na China e os processos que emergiram desses encontros, para o entendimento do encontro dos migrantes com o país.

Organizamos os dados produzidos conforme os temas propostos pelos migrantes. Percebemos que uma temática incorporava outras de maneira a surgirem dúvidas, por vezes, a que grupo pertencia determinada imagem. Não tomamos isso com um entrave à nossa análise, mas como um dos níveis de análise. A interface entre as imagens e os temas, então, foi também colocada em análise. Consideramos que os temas se transformaram numa ferramenta para disparar o processo de produção fotográfica.

Ao final desse processo de análise, duas fotografias do tema sistema, duas fotografias do tema comunicação, três fotografias do tema diferenças e duas fotografias do tema adaptação e saudade se fizeram selecionar para o entendimento do encontro dos brasileiros com a China. A análise será apresentada de acordo com as temáticas para facilitar a leitura.

3.1 Sistema

Este tema trazido pelos migrantes surgiu não somente pensando na economia ou política da China, mas na forma sistemática de vida deste país que reflete na vida dos

brasileiros. Durante o primeiro grupo, no qual foram escolhidos os temas a serem fotografados, e posteriormente, durante as oficinas, os migrantes falavam sobre seus estranhamentos em relação à organização da vida dos chineses, à pirataria na China, à atitude do governo que também afeta a vida dos brasileiros através, por exemplo, de bloqueios de alguns programas de televisão e sites da internet, ou ainda na emissão de vistos e controle de movimentação de dinheiro dos estrangeiros, entre outras idéias.

Traremos alguns aspectos que tocaram nossa atenção cartográfica, os quais aparecerem intensivamente nas falas, nas imagens e nas experiências dos migrantes, como por exemplo, o sistema de falsificação de produtos e a relação dos migrantes com o governo chinês.

3.1.1 Ações do governo e seus reflexos nos migrantes

A China tem como forma de governo o Comunismo, mas como propôs Guattari (apud Guattari & Rolnik, 1996, p.15) sobre os países do leste, é uma economia que funciona sob a lógica de “dependência e contradependência” do capital. Assim os brasileiros na China, continuando sendo subjetivados pela lógica do capital, contudo, as ações do governo refletem na vida dos mesmos.

A fotografia abaixo foi capturada por um brasileiro migrante que participou do nosso estudo. Ela foi relacionada ao sistema, sobretudo às ações do governo chinês.



Figura 1: produzida por um migrante brasileiro residente há um ano em Dongguan

Iniciamos descrevendo os elementos da cena. Céu cinza ou nublado. Prédio grande. Alguns postes de luzes. Árvores. No centro do prédio vê-se o símbolo do governo chinês.

Na China, grande parte dos prédios do governo tem essa arquitetura imponente, como o migrante do estudo capturou. O controle do governo em relação aos migrantes começa inicialmente pelos vistos. Para o migrante brasileiro entrar na China, o mesmo precisa ter o visto chinês no passaporte. O visto pode ser de turista. Mais tarde, se for do interesse do migrante, faz-se o visto de residente, ou vai renovando-se o de turismo. Para emitir o visto de residente é necessário fazer exames cardíacos, de visão, de hepatite,

HIV, e outras doenças. Caso exista algum problema em relação a alguma doença, sobretudo a hepatite, o visto pode não ser emitido. Este controle tornou-se mais rigoroso, segundo o brasileiro que produziu a imagem, em decorrência da gripe aviária.

A principal restrição do governo, conforme trazido pelos migrantes, que afeta a vida dos brasileiros em Dongguan, é os sites da internet que o governo chinês censura. Como diz um brasileiro migrante

“(...)eu estava olhando um site quando a página simplesmente trancou e apareceu uma mensagem escrita em chinês, indicando que eu não podia acessar aquilo. Isto é assustador porque daí tu percebes que tu estás sendo observado”.

Recentemente, o governo chinês proibiu também a circulação de motos pela cidade, em decorrência do trânsito intenso e furtos efetuados com essas motos. Isso afetou, sobretudo, as mulheres brasileiras migrantes, pois muitas utilizavam as motos como veículo de locomoção. “A pena para quem for pego dirigindo moto é quinze dias de prisão. Por isso que as leis pegam aqui na China”- diz uma brasileira.

A conexão entre os países sob a lógica capitalística captura o desejo das pessoas de modo clandestino, fazendo com que os sujeitos, inclusive àqueles com boas condições financeiras sejam movidos por uma falsa sensação de liberdade (Baumann, 1999). Na China os migrantes percebem uma forma de poder mais explícita, com censura e controle de sites, vistos, movimentação financeira, motos, os quais atingem também a vida dos brasileiros no país. Como fala um migrante de nossa pesquisa “parece que o governo oscila entre comunismo e capitalismo de acordo com o que lhe convém”.

3.1.2 Pirataria e o consumo

A China é conhecida mundialmente pela falsificação dos mais diversos produtos de grandes marcas internacionais (Carvalho, s/d). Além de tênis, bolsas, roupas e eletrônicos falsificados, existem carros de marcas chinesas com modelos muito similares a carros de importantes marcas da indústria automobilística internacional.

Na casa, no carro, na roupa, nos pés. A pirataria está por todos os lados na vida dos brasileiros residentes em Dongguan. Ela dá aos brasileiros acesso a artigos da Puma, Nike, Adidas, Calvin Klein, Dolce & Gabbana, Lacoste, entre outras marcas destinadas originalmente a um público elitizado. Além desses produtos de marca, encontram-se cd's e dvd's falsificados de filmes, de bandas e cantores famosos.

A fotografia e posteriormente a fala abaixo, trazidas pelos participantes do nosso estudo, convocaram nossa atenção. O leitor deste texto provavelmente vai sentir um estranhamento ao direcionar seu olhar para a imagem a seguir.



Figura: fotografia produzida por um migrante residente há 10 meses em Dongguan.

Ronaldinho, ícone da seleção brasileira de futebol, usando a camiseta da seleção argentina (arque rival do Brasil), num *tag* de uma meia da Adidas, quando, como sabemos, Ronaldinho é patrocinado pela Nike. Na China existem muitas falsificações idênticas ao produto original, por ironia, contudo, os brasileiros que são reconhecidos, inclusive na China por pertencerem ao país do futebol, se depararam com esta informação.

A escolha dessas três marcas ou ícones Adidas, Ronaldinho e seleção argentina, foram compostas pelo seu poder de venda. Não interessa aos chineses se Ronaldinho pertence à seleção brasileira de futebol, interessa o consumo. E se existe tanta falsificação é porque existe demanda para isso. Os brasileiros na China compõem parte do público alvo deste mercado.

Os participantes do nosso estudo migraram para a China em decorrência de melhores oportunidades de emprego e conseqüente aumento de salário. Considerando o fato de os produtos falsificados possuírem preços bem reduzidos se comparados aos preços no Brasil, podemos entender que o poder de consumo do brasileiro eleva bastante na China. Isso faz com que não só os brasileiros comprem para o consumo próprio, como comprem para revender os produtos no Brasil, como sugere esta migrante do nosso estudo:

...a companhia que meu marido trabalha paga duas passagens por ano para ele ir ao Brasil. Eu tenho que me virar, pago a minha passagem vendendo estes produtos por lá (no Brasil). Assim, posso ver minha família duas vezes por ano. Além do mais, quando eu compro as coisas para vender, compro como se fossem pra mim, gosto mais de comprar do que vender, e melhor de tudo, como não é pra mim usar, não tenho a culpa de estar consumindo demais.

A lógica do consumo pode ser vista no mundo todo. Os brasileiros na China, os chineses na China, os brasileiros no Brasil, assim como todo o globo, estão vivendo os modos de subjetivação capitalísticos (Rolnik & Guattari, 1996). A sociedade atual molda seus sujeitos pelo dever de desempenhar o papel de consumir em prol do desenvolvimento econômico, o que Baumann (1999, p. 86) chamou de “caça global de lucros e mais lucros”.

Inicialmente, articulamos que a migração é impulsionada por um devir- China ou por um devir-migrante. Algo da miscigenação brasileira que somada à subjetivação capitalística convoca no sujeito o devir-migrante. O devir-migrante, contudo é imprevisível e indiscernível, não está como forma, ele subsiste (Deleuze, 1997).

O migrante que devém não é igual ao sujeito, ou àquilo que o meio produziu, mas outro que não só deixa-se levar por um devir-migrante, não previsto, mas o explora e se deixa contagiar pelo movimento de criação que habita este devir, convocando outros devires. Podemos verificar, contudo, que o devir-migrante convoca também o consumo. Não apenas porque o devir-migrante impulsiona o sujeito a ir à busca de uma maior capacidade de aquisição de bens, mas pelo consumo de experiências novas. Bauman (1999) quando articula sobre a sociedade atual, sugere que esta é a sociedade do consumo, não somente pelo acúmulo de bens, mas também de novas sensações. O sujeito dessa sociedade é colecionador de sensações.

3.2 Comunicação

A comunicação foi a temática mais fotografada pelos brasileiros participantes. A dificuldade com os sons do Mandarim, os quais os brasileiros não estão acostumados a falar e as cinco entonações que a língua possui, tornam o aprendizado da língua oficial da China muito difícil. Ainda é necessário lembrar que para aprender Mandarim, o sujeito deve ter um bom domínio da língua inglesa, em decorrência dos professores chineses não falarem português, assim a troca de informações professor-aluno se dá através do inglês.

A comunicação apareceu nas falas dos participantes do nosso estudo como “a grande barreira para a inserção dos brasileiros na vida chinesa”. O uso de algumas expressões como “eu quero” (*wo yao*), “obrigada” (*xie xie*) ou “não entendo” (*tin bu*

dong), disseram os brasileiros, auxiliam as mímicas quando os mesmos procuram comunicar-se com os chineses.

A imagem abaixo produzida por um participante do nosso estudo, traz em seus elementos diferentes ideogramas, podendo demonstrar as dificuldades encontradas pelos brasileiros. Dificuldades estas que convocam uma lógica de sobrevivência neste campo.



Figura 3: imagem produzida por um migrante residente há um ano em Dongguan

Nos elementos desta fotografia é possível identificar três idéias. A primeira delas é que se trata de uma placa de trânsito. A segunda refere-se às setas que, provavelmente, estão indicando diferentes caminhos a serem seguidos. E ainda na placa triangular amarela verifica-se o sinal de bifurcação. Depois de aproximada nossa atenção para estes

elementos e a dificuldade de compreendê-los, voltamos a afastá-la para entendermos o que isso significa na vida dos brasileiros na China.

O migrante que capturou a fotografia acima coloca que o brasileiro quando passa a morar na China, experimenta o lugar de analfabeto:

“...eu vou no banco para pagar meu aluguel e tenho que preencher um recibo de depósito. Não entendo o que está escrito e muito menos sei escrever o nome do proprietário do meu apartamento. Chego em casa e na minha porta tem um recado escrito em ideogramas que eu deduzo ser do condomínio. Penso: amanhã deve faltar água. Meu controle remoto do ar condicionado só tem caracteres, a máquina de lavar roupa é em caracteres no botão, isso está o tempo todo no meu dia a dia, eu me sinto um analfabeto” (brasileiro, migrante há 10 meses).

As placas muitas vezes estão escritas somente em caracteres (ideogramas), exceto nas ruas principais da cidade, onde se encontram algumas placas escritas também em pinyin. O pinyin⁹ é a romanização do mandarim, aonde os ideogramas são transformados em letras do alfabeto latino que correspondem a sons similares para permitir a pronúncia. Por exemplo, se um brasileiro encontra esses caracteres “? ?”, o mesmo não sabe como pode pronunciá-los. Se isto está escrito em pinyin, o mesmo pode ver “ni hao” e assim consegue dizer o que está escrito, mesmo que na maioria das vezes não entenda o significado.

⁹ O *pinyin* é o sistema oficial de romanização, por fonética silabática, para a língua chinesa na República Popular da China. Este sistema é reconhecido pela UNESCO (órgão da O.N.U.) e o Brasil como signatário da O.N.U., deve considerar o mesmo sistema. O *pinyin* utiliza letras latinas para representar sons no mandarim padrão, possibilitando pessoas que não conhecem os ideogramas terem acesso a fonética do mandarim. Contudo, a representação no *pinyin* difere, por vezes, do estilo de simbolização escrita de sons em outras línguas que usam o alfabeto latino. Os sons indicados no pinyin pela letra **b** e **g** correspondem aos sons representados, respectivamente, pela letra **p** e **k** no emprego ocidental do alfabeto latino. Outras letras, como **j**, **q**, **x**, **zh**, “**ang**”, indicam sons e terminações que não correspondem exatamente a nenhuma pronúncia na língua inglesa. Acesso em 12/09/2007- disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pinyin>>.

Uma brasileira migrante coloca que se os nomes dos estabelecimentos fossem escritos em pinyin facilitaria muito a vida dos estrangeiros na China, mas geralmente não o são. Isto significa que os brasileiros residentes em Dongguan não sabem o nome dos lugares, dos shoppings, dos parques, dos templos, das feiras, dos supermercados, porque não conseguem ler os caracteres. Quando um sujeito quiser ir para um lugar pela primeira vez, terá que ir com quem já sabe o caminho. Outra alternativa, como colocou um brasileiro migrante, seria mostrar um cartão do local ao motorista do táxi. Esta característica da falta de referências pela não compreensão dos ideogramas é também trazida nesta fotografia feita por uma participante do nosso estudo.



Figura 4 : imagem produzida por uma migrante residente há dois e alguns meses em Dongguan.

Sobrevoando a atenção sob os elementos denotativos desta cena, vemos o céu cinza, outdoors, marcas, um telão, carros, ideogramas, plantas, cones na calçada. Algumas pessoas. Uma pessoa segurando uma vassoura e um saco do lado direito da imagem.

O céu em Dongguan é cinza em função da poluição conseqüente do grande número de fábricas instaladas na região. Esta característica apareceu muito nas falas e imagens como um aspecto dificultador da adaptação, posteriormente, retomaremos essa característica na última temática que direciona nossa análise para a “saúde e adaptação”. A arborização, grandes praças, bem como a limpeza da cidade, discutidas nas oficinas pelos migrantes como “sistema” também podem ser vistas nessa imagem através do jardim. Nossa atenção, contudo, é direcionada nesta cena para os ideogramas. É possível verificar em diversos outdoors caracteres que parecem fazer anúncios, propagandas de alguns produtos. Reconhecemos, também, como lembrado pela própria migrante que produziu a fotografia, o símbolo do Mc Donalds e nomes de produtos ou marcas como Ipod com o símbolo da Apple, Samsung ao lado da imagem de um note book e a marca Canon. A partir destas idéias deduz-se tratar-se de um shopping. A dedução é o modo que os brasileiros utilizam para se localizarem, se comunicarem e interagirem com os chineses como coloca a migrante nesta fala:

“se tu queres comprar leite desnatado, tu chegas lá e enxergas na prateleira do supermercado um monte de caixinhas com uma vaquinha na frente que tu deduzes pela imagem e pela caixinha que é leite, mas tu não consegues ler uma palavra do que está escrito. Então tu compras um por um para ir testando, até conseguir achar o leite desnatado. (...)”

na próxima vez, tu o identifica pela cor da embalagem ou por um dos caracteres que tu gravaste” (brasileira residente na China há 6 meses).

Os nomes de grandes marcas também são traduzidos para o chinês como Mai Dang Lao (? ? ?) que é o Mc Donalds e Jia Le Fu (? ? ?) que é o supermercado Carrefour. Os chineses traduzem inclusive nomes de pessoas famosas no mundo, como bandas, cantores ou atores de filmes.

Os brasileiros, em decorrência da dificuldade de comunicação, imersos em um universo de referências que não compreendem, criaram seus próprios nomes para identificar os locais, nomes estes que são reconhecidos por toda a comunidade de migrantes do Brasil em Dongguan. O mercado de verduras, frutas, carnes e comidas exóticas é chamado de “Fede-fede”. Esse nome é derivado do cheiro forte existente no local. Outros locais são referidos pelos brasileiros como “beco”. Tem o Beco da Carne, o Beco das Roupas, o Beco dos Tênis, entre outros. O nome “beco” está relacionado à idéia de serem lugares difíceis de serem encontrados e, por vezes, lugares estreitos ou sujos. Todos eles reúnem um tipo de produto principal. No Beco do Forno, por exemplo, tem várias lojas que vendem forno e assim por diante.

Nomes de becos, dedução, mímicas, memorização das embalagens dos produtos, ligar para um chinês que fale inglês para que este auxilie a comunicação do brasileiro com outro chinês são lógicas de sobrevivência através das quais os brasileiros vão criando um território existencial que faça possível o habitar, que faça os mesmos sentirem-se ‘em casa’, encontrando sentido às coisas vividas no dia-a-dia. O ‘em casa’ é,

conforme Rolnik (1998, p.1), o sentimento de si, da consistência subjetiva palpável, da familiaridade das relações com o mundo e sentidos compartilhados. Contudo, ao mesmo tempo em que este território dá possibilidades aos brasileiros de conviver neste âmbito, faz também com que estes se fechem dentro da comunidade de brasileiros na China, dificultando a inserção dos mesmos na cultura chinesa.

Embora o Mandarim seja um grande dificultador da inserção dos brasileiros na cultura chinesa, em migrações para outros países, nos quais a comunicação do migrante com os cidadãos do local não é tão difícil, também ocorrem essas guetizações de nacionalidades. Entendemos que nesses encontros dos migrantes os mesmos sentem a necessidade de um sentimento de familiaridade com o mundo. Diante de tantos estranhamentos, os mesmos juntam-se em pequenas comunidades de migrantes de seu país de origem como uma forma de dividir e suportar as intensidades desses encontros.

É importante percebermos que não são apenas brasileiros reunidos, mas brasileiros reunidos transformados pelos encontros com a cidade. Calligaris (in Pechamn, 1994) coloca que a cidade é o lugar dos acontecimentos, onde se instaura a diferenças, não apenas as diferenças culturais, étnicas ou sexuais, mas o lugar onde a diferença social cria seu desejo propriamente humano, no sentido hegeliano. Na cidade começa a transformação do homem por si mesmo. O desejo se inventa e se revela no humano. Não são os brasileiros no Brasil, nem os chineses na China, são os brasileiros no encontro com a cidade que criam uma comunidade-cidade onde expressam seus sentimentos.

Esses brasileiros identificam-se não apenas pela vida na China, mas pelas saudades, decepções e questionamentos em relação a ser brasileiro, em relação ao Brasil, questionamentos que o encontro com a China produz. Por esse motivo os guetos são criados por nacionalidades, fazendo que migrantes brasileiros convivam mais entre brasileiros do que com migrantes de outros países.

3.3 Diferenças

As diferenças estão em todas as temáticas desta carto(foto)grafia. O termo “diferenças” pressupõe comparações e está sempre relacionado ao estranhamento. A vida na China comparada à vida no Brasil. As diferenças produzem questionamentos sobre hábitos, valores, referências, enfim sobre o instituído na vida dos migrantes brasileiros.

3.3.1 Cenas do cotidiano

O estranhamento dos participantes do nosso estudo em relação à vida na China aparece em diferentes hábitos culturais. A fotografia abaixo, registrada por um migrante brasileiro, convocou nossa atenção.



Figura 5: imagem produzida por um migrante residente há treze anos na China.

Olhando para esta imagem podemos perceber alguns arranjos de flores e uma fita grossa vermelha que passa sobre as mesmas. Vêm-se novamente os ideogramas. Cadeiras amarelas estão atrás das flores. Mais ao fundo uma televisão. O painel em frente aos arranjos também traz ideogramas.

Subjetivados pela cultura brasileira, na qual essa disposição de flores é utilizada em velórios, toda vez que os brasileiros se deparam com a inauguração de uma loja na China parecem encontrar-se com a “morte”, como lembra o migrante que produziu a fotografia. Os chineses utilizam bastante estes arranjos para a abertura de

estabelecimentos comerciais. Novamente podemos perceber que os ideogramas não indicam aos brasileiros nenhuma referência, ou os referenciam erroneamente.

3.3.2 Idosos e as tradições

Hábitos dos chineses como o cuidado com as crianças e o lugar do idoso na cultura chinesa também foram lembrados pelos brasileiros. A imagem abaixo foi registrada por um participante do nosso estudo.



Figura 6: imagem produzida por um migrante residente há um ano em Dongguan

Podemos ver nos elementos desta cena, uma mulher, idosa, sorrindo, com um bebê no colo.

As crianças chinesas são cuidadas durante o dia pelas avós e avôs e por vezes moram com os mesmos. As pessoas de idade se reúnem durante a tarde com seus amigos em praças e nos parques dos condomínios, onde levam seus netos. Como disse um brasileiro “onde tem um bolinho de idoso, tem um bolinho de crianças pelo chão”. É muito mais comum ver um bebê com a avó do que com a própria mãe. Essa realidade foi trazida pelo grupo, lembrando o lugar que ocupa o idoso na cultura brasileira. No Brasil, colocaram os brasileiros participantes do nosso estudo, o idoso tem um lugar de desatualização, de ignorância, a experiência de vida não é importante. Na China tem-se o idoso enquanto sábio. Esse tem, também, o papel de educar os netos e geralmente ele mora com um dos filhos.

A China valoriza o idoso, e traz em sua cultura tradições conservadoras. Esse país se relacionou à lógica do capital mais tardiamente do que os países do ocidente. Os jovens na China, por exemplo, não podem namorar durante a escola, somente depois que ingressarem na universidade. Nas boates e bares, não se encontram adolescentes, mas adultos jovens e em grande maioria homens. As crenças chinesas são muito relacionadas a superstições e a histórias milenares.

À sociedade do consumo, produzida pela subjetivação capitalística, não interessa a sabedoria de um idoso, a sabedoria da experiência, do aprendizado. Ao contrário, interessa o esquecimento e o consumo do maior número possível de objetos em menos tempo. É interessante, ao sujeito desta sociedade, como colocamos anteriormente, experimentar algo novo, sempre novo, algo que o sujeito nem se quer se dava conta que

existia. “O bom consumidor, na sociedade do consumo, é o bom amante da diversão” (Baumann, 1999, p.90). Não lhe interessa tanto o aprendizado ou até mesmo o acúmulo de bens materiais, mas acúmulo de sensações ainda não experimentadas.

3.3.3 Falta de higiene

Outros hábitos chineses que, para àquele subjetivados pela cultura brasileira, parecem falta de higiene foram citados pelos migrantes. Arroto, por exemplo, é um hábito para os chineses “naturalizado”. Como trouxe um participante de nosso estudo, uma atendente chinesa de uma loja arrota, sem nem mesmo colocar a mão na frente da boca, enquanto está atendendo alguém. Ou ainda alguém solta um escarro no chão do corredor de um shopping center. Por mais estranhamento que isto possa trazer, acontece muito freqüentemente. O cheiro de alho, tempero muito utilizado na culinária chinesa, é característico dos chineses. Até mesmo “puns” são hábitos que os chineses têm sem constrangimento algum.

Os brasileiros, durante as oficinas, também lembraram de hábitos como o fato dos chineses não entrarem em suas residências com sapatos. Eles os tiram e deixam na porta de casa, ou num armário que costuma ficar na entrada. A idéia é não levar a sujeira da rua para dentro. Quando os chineses percebem que os brasileiros não fazem o mesmo, esses dizem que isto é relaxamento e ficam ofendidos quando alguém entra na casa deles com sapatos nos pés. Percebe-se em Dongguan que alguns brasileiros estão adotando este hábito.

O chimarrão, bebida típica dos gaúchos, por outro lado, foi trazido pelos migrantes brasileiros como um hábito anti-higiênico. Este aspecto foi relacionado à visão dos chineses para hábitos brasileiros. Os chineses tomam muito chás e são muito curiosos sobre o chimarrão. Sempre perguntam aos gaúchos em Dongguan o que é isso, como é feito, sendo a comunicação baseada em gestos e mímicas. A resposta dada pelos brasileiros é ‘*Baxi tchá*’ (chá brasileiro em Mandarim). Contudo, quando os gaúchos migrantes oferecem o chá brasileiro para os mesmos esses são unânimes em dizer que não querem provar porque a mesma bomba é compartilhada por todos os que tomam o chimarrão. Hábitos culturais são vistos de diferentes perspectivas e produzem questionamentos sob os valores na vida dos brasileiros. Como disse uma brasileira migrante:

“brasileiro que mora na China sabe bem o significado de choque-cultural. O jeito deles (chineses) se vestirem, comerem, o jeito que eles cuidam as crianças. Tudo é diferente. Às vezes a China tem coisas melhores como a segurança, por exemplo. Às vezes o Brasil tem coisas melhores como o céu azul e principalmente nossas famílias que estão lá. Tem aquele ditado que diz que “família só é bonita no porta-retrato”. Eu acrescentaria “no porta-retrato e quando se está morando longe” (risos). A gente até esquece porque brigamos tanto. Mas não adianta, a maioria das vezes achamos que o Brasil tem coisas bem melhores. É que tudo é tão distante da nossa realidade que fica difícil nos sentirmos em casa”.

A comparação da China com o Brasil está em todas as falas e imagens, está constantemente presente na vida dos brasileiros migrantes no país. A própria decepção em relação às notícias do Brasil que chegam à China foram muito faladas. A ambivalência em relação à saudade da família, aos hábitos brasileiros e a falta de espaço no mercado de trabalho no Brasil ou problemas da política classificada pelos migrantes

como corrupta, foram muito debatidos, sobretudo no primeiro encontro com todos os migrantes reunidos.

A saudade e frustração do Brasil serão abordadas mais adiante. Contudo, ainda trazemos como diferenças, alguns hábitos e cuidados com as crianças na China, discutido entre os migrantes principalmente no encontro que reuniu todos.

3.3.4 Civilização “tipo bicho”

Outra característica ainda relacionada ao cuidado com a criança foi trazida por todos migrantes sem exceção, provavelmente porque este hábito é gritante à cultura brasileira. Os bebês dificilmente usam fraldas na China. Os cuidadores costumam colocar nas crianças calças com uma abertura no meio das pernas e não usam calcinhas ou cuecas por baixo. Assim, quando os bebês começam a fazer xixi ou cocô, os mesmos são levados as pressas na rua ou na lixeira do supermercado para fazer suas necessidades. Isso quando não as fazem nas costas dos avós que costumam carregar seus netos envolvidos em panos.

Diferenças, hábitos culturais que não só geram desconforto por questionar os hábitos dos brasileiros, mas que dá aos brasileiros a sensação de uma civilização atrasada, sem polimento, “tipo bicho”- como disse um migrante. Além da falta de higiene, das crianças não usarem fraldas, ainda existem vários outros hábitos citados pelos participantes. Como por exemplo, toda vez que se vai a um banheiro público, o sujeito se

depara com privadas no chão. Em português, embora pouco conhecidas, estas são chamadas de privadas turcas. São como buracos no chão, para utilizá-las o sujeito agacham-se em cima das mesmas. Por vezes, encontram-se em alguns banheiros privadas idênticas as utilizadas no Brasil, contudo frequentemente vê-se marcas de sapatos em cima destas, porque os chineses as utilizam como as privadas turcas, eles sobem em cima e se agacham.

Podemos identificar diante destas características em relação às diferenças e dificuldades atravessadas pelos brasileiros que o sentimento é de não pertencer a essa civilização. Assim, mais uma vez os brasileiros acabam fechando-se em seus grupos, nos quais dividem os mesmos valores, compartilham as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia e criam seu próprio território. Um território que não é nem do chinês na China e nem do brasileiro no Brasil. É um território entre. Território subjetivado pela cultura chinesa, pela cultura brasileira e pela vida estrangeira, que continua funcionando sob a lógica capitalística. Traremos ainda algumas outras características deste modo de vida, para ao final, analisar este “habitar entre” do brasileiro na China.

3.3.5 “Em terra de olho puxado quem tem olho redondo é rei”

A fotografia abaixo, registrada por uma migrante brasileira, traz a questão da diferença sob a perspectiva de ser oriental ou ser ocidental.



Figura 7: imagem produzida por uma migrante brasileira residente há quatro anos em Dongguan

Mulher, cabelo preto, rugas, meia idade. Ela sorri com o olho. Olho “puxado”, oriental, chinesa. Esta imagem toca nossa atenção por uma sintonia muito fina, sensibilidade. A diferença marcada através do olho, fala da separação do oriental e ocidental. Diferenças culturais, distanciamento dos mundos.

A China vem desenvolvendo sua economia muito rapidamente. Este fator fez com que o país começasse a se conectar internacionalmente, sobretudo através exportação e importação de produtos (Sukup, 2002). Assim o desenvolvimento econômico foi disparando o processo de miscigenação na China. Contudo, 92% da população chinesa é de uma única etnia, como dito anteriormente. Dificilmente se encontram chineses que não tem olho “puxado”, cor amarela e cabelos pretos. Isto significa que ao olhar para alguém de “olhos grandes”, como dizem os chineses sobre os olhos dos ocidentais, percebe-se no mesmo momento: *“not made in China”*.

Os estrangeiros ocidentais são tratados de forma diferenciada pelos chineses. Nas ruas as crianças dizem “*hello*” e sorriem para os migrantes e as pessoas, mesmo adultos, por vezes, pedem para serem fotografados junto aos estrangeiros. No comércio, os chineses supervalorizam o preço dos produtos. Por vezes, dão um preço para os chineses e outro (mais caro) para os estrangeiros. Essa migrante brasileira traz seu sentimento em relação ao tratamento dos chineses:

Os chineses nos tratam sempre com um sorriso. Muitas vezes, eles nos tratam até como celebridade. Outras parecem que somos uns bichinhos que eles nunca viram. Parece que eles querem beliscar para ver como a gente é. Quando saio na rua me sinto observada. Até no supermercado eles mexem dentro do carrinho da gente, para ver o que a gente está comprando. Chego a me irritar. Daí, eles ficam fazendo comentários em chinês e dão risadas, a gente fica olhando e “boiando”.

A maneira que os chineses tratam os estrangeiros, não só fala de uma admiração que o chinês tem pelo ocidental como também fala de um povo que está começando a miscigenação, como dito anteriormente. Os costumes dos chineses ainda são bem tradicionais, relacionados ao respeito aos mais velhos, à sabedoria, à sorte, à superstição. O estrangeiro é o diferente. Os chineses têm a idéia de que os estrangeiros são pessoas com muito dinheiro. Eles gostam dos olhos grandes e da pele clara. Quanto mais branca a pele, mais bonita. Na China existe cirurgia plástica para arredondamentos dos olhos. Como disseram os brasileiros migrantes “em terra de olho puxado, quem tem olho redondo é rei”.

O Brasil, por outro lado, é um país muito miscigenado. Não conseguimos diferenciar o brasileiro por seu rosto ou sua cor. A subjetividade do brasileiro é maleável

e parece ser um ponto que confronta com a subjetividade chinesa, pouco miscigenada, mais tradicionalista.

Rolnik (1998) coloca que o brasileiro tem pelo menos três tradições culturais. A primeira delas está relacionada à aderência de ídolos, símbolos, signos e hábitos trazidos do exterior, que são consumidos sem crítica alguma e não são adaptados a realidade brasileira. A segunda tradição é relacionada à cultura local, tratando-se dos hábitos e costumes que dizem respeito às regionalidades. Estes hábitos criam sentidos às coisas da vida local, mas não atualizam os atravessamentos estrangeiros que a localidade também passa a vivenciar. A terceira tradição então vem justamente misturando as duas primeiras, tentando dar conta da heterogeneidade que se vive atualmente em terras brasileiras. Essa tradição mistura o erudito e o popular, as vivências locais e globais e atualiza essas experiências. ‘Em casa’, nessa perspectiva, emerge atualizando toda essa diversidade que subjetiva o brasileiro. O termo ‘em casa’, como descrevemos anteriormente, se refere ao sentimento de familiaridade com as relações com o mundo, o sentimento de si, a consistência subjetiva palpável (Rolnik, 1998, p.1).

Da terceira tradição cultural brasileira surge a noção de subjetividade antropofágica. Inspirada pela noção de “deglutição” é que a metáfora da Antropofagia¹⁰

¹⁰ A metáfora da Antropofagia foi utilizada pensando no Movimento Antropofágico de Oscar de Andrade, que por sua vez inspirou-se na prática dos índios tupis em devorar seus inimigos. Esses deglutiam a carne de seus inimigos guerreiros porque acreditavam que dessa maneira adquiririam a força e poder do inimigo. O movimento antropofágico foi um movimento da literatura brasileira que tinha a intenção de libertar a poesia e prosa brasileira que deglutia a erudição européia sem adaptá-las a características das terras brasileiras (Rolnik, 1998; Rolnik in Deleuze, 2000).

foi utilizada (Rolnik, 1998: Rolnik in Deleuze, 2000). A subjetividade antropofágica brasileira deglute outras culturas, as estruturas, o humano, não aderindo a um único sistema de referência, ela abre-se e mistura-se a todos os repertórios. Assim a ‘casa subjetiva’ é construída, dando consistência palpável à subjetividade (Rolnik, 1998, p.9).

O brasileiro adere mais facilmente à cultura chinesa. Embora a língua freie esse processo de inserção e miscigenação, aos poucos, os brasileiros vão misturando seus hábitos com os dos chineses e desse modo vão deglutindo a vida na China.

3.3.6 Identidade carnavalesca na China

Ao encontrar-se com as diferenças nesta experiência de migração, os brasileiros acabam também entrando em contato com o próprio jeito de ser e com a visão das pessoas de outros países sobre o brasileiro. Embora o Brasil não seja reconhecido pelos chineses como o “país do Carnaval”, os brasileiros carregam consigo o modelo identitário carnavalesco. O carnaval não só no sentido do samba, mas no sentido maleável da subjetividade brasileira. O povo brasileiro, independente do tipo de música que goste, samba, sertanejo, rock, ou MPB, adere a um modelo identitário supostamente “feliz, alegre, festeiro”. Os brasileiros na China também. Os churrascos em residências de brasileiros em Dongguan, com música alta, cerveja e por vezes dança, freqüentemente são interrompidos pelos guardas do prédio a pedido dos vizinhos chineses em decorrência do barulho. Toda vez que tem churrasco há um guardinha a pedir para a festa acabar. Os chineses jantam e dormem cedo e consideram que o brasileiro não respeita o chinês.

Rolnik (in Deleuze, 2000) articula sobre a identidade brasileira, colocando que o modelo identitário que prevalece no país tem duas formas: identidades locais fixas ou identidades globais flexíveis. Sob a forma identidades locais fixas, as subjetividades aderem um “suposto ‘ser brasileiro’” sem qualquer questionamento (Rolnik, in Deleuze, 2000, p.10). A autora coloca que um exemplo deste modelo é brasileiros envolvidos em bandeiras do país em competições internacionais. Estas pessoas transformam-se momentaneamente em “puros emblemas de uma pretensa identidade nacional” (Rolnik in Deleuze, 2000, p.10).

Para a segunda forma do modelo identitário, identidades globais flexíveis, a autora coloca que os personagens que agem de modo minimamente sedutor tornam-se ícones e o modelo identitário se reconfigura sob essa identidade, procurando alcançar um reconhecimento social, de preferência imediato. A esta segunda característica do modelo identitário a autora chamou de modelo “tosco e exacerbado” (Rolnik in Deleuze, 2000, p. 10).

Sob qualquer “máscara identitária” que a subjetividade do brasileiro use, reafirmam-se outras máscaras. Máscaras que se transformam de acordo com o movimento do desejo. A maleabilidade da subjetividade no Brasil é o que deixa o brasileiro ser habitado por uma diversidade de universos mutantes, ao mesmo tempo em que também permite que ele crie novas máscaras, linhas de fuga, territórios de existências possíveis.

A maleabilidade da subjetividade brasileira vai permeando a subjetividade chinesa que parece ser bastante rígida. E assim a miscigenação entre chineses e brasileiros vai acontecendo aos poucos. Atualmente, os brasileiros fazem aula de chinês, tomam chás chineses, e quando tomam chimarrão, colocam a água da bombona destinada para chás. Os chineses estão aprendendo português para atender a grande clientela, as churrasarias brasileiras em Dongguan estão freqüentemente lotadas de chineses. Brasileiros casaram-se com chinesas. Já existem filhos dessa mistura. Com o tempo, não faltará o chimarrão na cultura chinesa, mas com a bomba descartável “porque tomar na mesma bomba é anti-higiênico”.

3.4 Adaptação e saudade

O tema da adaptação e da saudade, escolhido pelos participantes, esteve presente nas falas e nas imagens durante toda nossa intervenção. A adaptação dos brasileiros na China, bem como as coisas das quais os brasileiros sentem saudades, passam pela sistemática de vida dos chineses, pela comunicação e também pelas diferenças, logo este está relacionado a todas as outras temáticas.

É necessário perceber ao falar de adaptação e de saudade que existem diferenças importantes relacionadas ao gênero na cultura brasileira. A escolha do tópico para ser fotografado partiu das mulheres. Estas também fizeram maior quantidade de fotografias do que os homens sobre o assunto.

Desde o primeiro encontro, e também durante a oficina, as mulheres trouxeram nas falas e nas imagens as dificuldades e renúncias que a escolha por morar na China produziu. Relacionam suas renúncias ao fato de terem ido morar no país em decorrência do emprego do marido (com exceção de uma migrante que foi a China em função do emprego). Renúncias relacionadas ao emprego no Brasil, de onde saíram para ir morar no país do Dragão e a idéia de que os homens não teriam feito o mesmo por elas, mesmo que estas estivessem ganhando mais do que eles. Elas relatam a pressão social que sentem quando dizem que não estão trabalhando. E também, colocam a questão familiar como o lado mais difícil de viver do outro lado do mundo. Relatam sua culpa por não estarem próximas dos pais e colocam o medo de perder alguém da família.

A fala abaixo é de uma migrante, residente na China há dois anos e alguns meses, esta veio para China a trabalho, e casou-se com um brasileiro no país, contudo coloca:

Quero uma vida mais simples. Menos corrida do que a que eu levo hoje. Cheguei aqui (Dongguan) com uma lista de coisas pra fazer, ganhar grana, viajar pelo extremo oriente. Já fiz tudo isso. Agora, to afim de abandonar o barco. O monetário não compensa tudo que eu to perdendo lá (Brasil). Eu tenho um sobrinho que a última vez que eu estive no Brasil se abraçava em mim chorando pedindo pra que eu ficasse. Toda vez que chega a hora do aeroporto dá um aperto no coração. É como um ímã te puxando pra ficar. Aquela choradeira. Só fico rezando pra que Deus permita que eu veja essas pessoas novamente. Nenhum dinheiro vai comprar esse tempo perdido sem eles. Eu to agüentando, mas não vou agüentar mais muito tempo. (...) Não é o Brasil pelo Brasil, não tenho saudade da corrupção, da insegurança, do caos no aeroporto que tenho que enfrentar pelo menos duas vezes por ano. Mas o Brasil é meu lugar, eu não escolhi assim, essas coisas ruins tão no pacote. Não posso carregar todas as pessoas importantes da minha vida junto comigo. Se eu pudesse acho que carregaria. Mas certamente esse país não seria a China.

Trazemos esta fala porque ela condensa vários aspectos vivenciados e falados pelos demais migrantes do grupo, aspectos que pedem por uma análise para entendermos o encontro dos brasileiros com a China. Se “o lugar não é a China”, onde é esse lugar?

3.4.1 As Viagens

As viagens fazem parte da vida dos brasileiros na China. Não somente dentro do país, mas também em outros países próximos como Tailândia, Filipinas, Indonésia, viagens que se comparadas aos preços no Brasil são baratas. Países com culturas muito diferentes. Segundo os migrantes do nosso estudo, as viagens são a “melhor parte de se morar na China, conhecer Beijing, Shanghai, Xia’n, Tibet e países arredores”. Direcionamos nossa atenção para a primeira parte dessa frase, se “as viagens são a parte melhor de se morar”, entende-se o quanto estes brasileiros moram num processo, processo sem destino, sem fixar-se em lugar algum, os brasileiros moram no “entre”.

Essas viagens vão fazendo com que os brasileiros sejam subjetivados também por novos territórios. Bem como passam a conviver com outros migrantes europeus, americanos, orientais e trocam experiências que vão atravessando a vida do brasileiro e questionando seu referencial de valores e crenças.

Baumann (1999, p. 93) coloca que “viajar é esperançosamente muito mais atraente na vida do consumidor do que chegar”. Como colocado anteriormente, interessa a sociedade do consumo a experimentação de sensações novas.

3.4.2 O distanciamento da família

O sofrimento pelo distanciamento da família, trazido também na fala da migrante acima, apareceu de maneira muito intensa nas mulheres participantes. A fotografia abaixo foi produzida por uma brasileira migrante e traz a família.



Figura 8: imagem produzida por uma migrante residente há dez meses em Dongguan

A cena traz um mural de fotografias. Todas elas com pessoas. Abaixo um bonsai, planta de origem oriental e dois cactos. Esta imagem foi capturada na residência da

migrante que registrou esta fotografia. As pessoas, segundo a migrante, fazem parte de sua família, antigos colegas de trabalho e grandes amigos. O bonsai também mostra-nos o processo de miscigenação que vai acontecendo com os brasileiros na China. Vários artigos chineses, como vasos, algumas plantas e quadros também foram encontrados nas residências dos brasileiros participantes do nosso estudo. Além disso, encontramos bandeiras do Brasil, e murais como esse da imagem, com as fotos da família e amigos.

As mulheres sofrem muito com esse distanciamento da família, sempre colocando o medo que elas têm de perder alguém importante, “se eu perder alguém eu nunca vou me perdoar de ter vindo pra cá (China)” diz uma migrante. Nesse ponto o devir-migrante transforma-se em outros devires, devir-mulher, devir-cuidadora. As mulheres falam com pesar e repetidamente sobre o afastamento de seus familiares e esse sentimento parece transformar-se em culpa pelo “dever do cuidado” e saudade, ao mesmo tempo em que dificulta a adaptação das mulheres que não se permitem desfrutar dessa experiência. Por vezes, não se trata apenas de não se adaptar, mas de não querer se adaptar. Sentimento que pouco emergiu dos encontros dos homens brasileiros migrantes com a China.

3.4.3 Céu azul e “um lugar para o churrasquinho”

Ao contrário das mulheres os homens trouxeram as dificuldades de adaptação relacionada aos negócios, à falta de um lugarzinho para uma “churrasqueira desceite, onde a gente faz um churrasquinho sem sair defumado” e à falta de céu azul, esta última característica pode ser vista na imagem produzida por um migrante brasileiro.



Figura 9: fotografia criada no encontro de um migrante com a cidade residente há um ano em Dongguan

No horizonte vêm-se prédios entre a poluição. Céu cinza. Vêm-se também muitas árvores, palmeiras, canteiros e jardins. Ruas largas, com três pistas de cada lado. Alguns carros, alguns ônibus. Arquitetura sem muitas cores.

A cena da fotografia acima traz novamente o cuidado dos chineses com a arborização, pelas ruas podemos ter uma noção de que se trata de uma cidade grande e desenvolvida. A poluição fica bem aparente nesta cena e passa a intensidade que o migrante capturou em relação a acordar todos os dias com esta camada cinza cobrindo a

visão sob a cidade. Como também contempla a fala deste migrante: “na primeira semana tu não sentes tanto, mas depois, quando tu acordas todos os dias e esta é a vista, bate uma deprê. Nunca pensei que o sol desse tanta energia assim pra gente. Isso pra mim é o mais difícil daqui”. O céu cinza de todo os dias em Dongguan é decorrente, conforme dito anteriormente, da poluição produzida pela quantidade de indústrias nesta região.

Paradoxos do desenvolvimento. A globalização, os modos de produção capitalísticos e a miscigenação vivida no Brasil fazem com que os brasileiros migrem em busca de bons salários e, assim, Dongguan acaba sendo mais “ocidentalizada” que outras cidades da China, tornando o ambiente mais fácil de ser habitado pela diversidade de comidas brasileiras e várias outras coisas direcionadas a esse público. Contudo, essa mesma globalização, os modos de produção capitalísticos, a miscigenação vivida no Brasil são o que mantém os brasileiros longe de suas famílias, trabalhando muito mais que no Brasil, inclusive à noite (quando as empresas no Brasil estão abertas), e convivendo com o céu cinza todos os dias.

3.4.4 Relações modificadas

Somadas as questões trazidas sobre o sistema, à dificuldade de comunicação e às diferenças culturais que acabam determinando o jeito de ser e de viver dos brasileiros migrantes em Dongguan, todas as outras relações são modificadas, mesmo aquelas as quais o migrante tinha antes da migração. Ou seja, a relação entre os casais, a relação entre os amigos e com a família no Brasil também acabam se transformando.

A China mobiliza tudo na tua vida. A minha relação com o meu marido mudou muito depois que chegamos aqui. Agora só ele trabalha e almoça em casa todos os dias. No Brasil nós nunca almoçávamos juntos, só nos víamos quando chegávamos em casa de noite. Aqui, quando ele chega em casa de noite, ele está cansado e eu não agüento mais ficar em casa, quero dar uma volta. Isso que muito frequentemente a gente divide nossas noites com o Brasil. Ele trabalhando (porque quando é noite na China, no Brasil é dia e as empresas estão abertas). E eu aproveito para ver como está o pessoal lá em casa (família no Brasil). Isso é outra coisa. A minha relação com minha família melhorou muito depois que eu vim morar aqui. Quando eu vou para o Brasil, eu sou o centro das atenções. E de longe a gente sente até falta dos defeitos uns dos outros. Isso para mim é a parte mais difícil dessa escolha. Me incomoda ter que pedir dinheiro para o meu marido, mas pior do que isso é a preocupação que tenho com meus pais. Às vezes fico ligando para meus irmãos para eles darem mais atenção pra eles. Eu que estou do outro lado do mundo falo mais com a minha mãe do que minha irmã que mora à uma hora da casa dos meus pais. Bem, a gente cresce e vira pais dos nossos pais. E pra viver aqui a gente tem que aprender a cuidar de longe (...). E assim é a nossa rotina. Quase todas as noites os dois no computador. Depois disso então aproveitamos para ver um seriadinho e vamos dormir porque amanhã é outro dia (brasileira migrante há 8 meses).

Podemos perceber através dessa fala as dificuldades em relação à mulher não ter trabalho, novamente o distanciamento da família é trazido com muito sofrimento e as relações que se modificam. A relação entre os casais são diferentes porque os programas são outros, porque grande parte dos homens sustenta economicamente as mulheres e porque grande parte das mulheres abandonou seus estudos e/ou sua profissão no Brasil para ir à China. As relações de amizades são diferentes porque o brasileiro se relaciona com outros brasileiros, que são seus concorrentes, e convida-os para jantar na sua casa. Se o migrante ficar doente precisará contar com amigos para lhe ajudar a fazer o que for preciso, porque sua família não está ali. A própria relação com a família no Brasil é diferente, porque com o distanciamento, os familiares acabam supervalorizando cada encontro com o brasileiro que retorna ao Brasil de férias.

3.4.5 Decepções em relação ao Brasil

No último dia sete de setembro, teve em Dongguan uma grande festa patrocinada por uma churrascaria brasileira, com música, dança, hino, carne e cerveja. Os brasileiros usavam camisetas do Brasil e bandanas na cabeça. Até mesmo os garçons chineses usavam pilchas (vestimenta gauchesca) e bandanas do Brasil. Conversando com um brasileiro que estava na festa, o mesmo disse “para comemorar o Brasil só morando na China e tendo muita cerveja na cabeça”.

Decepções em relação à corrupção, à falta de emprego, insegurança e problemas com serviço de saúde no Brasil apareceram nas falas dos migrantes durante nossa intervenção. Estes colocavam com tristeza os problemas do país. Contudo, o distanciamento faz com o migrante por outro lado, supervalorize também o Brasil, por ser o lugar onde estão os familiares e aonde os mesmos se sentem em casa e talvez por isso comemorações como as do sete de setembro são mais possíveis na China do que no Brasil.

O sistema, a comunicação, as diferenças, a adaptação, a saudade e os chineses subjetivam a vida dos brasileiros na China. Se a vida na China por vezes faz com que o sujeito sinta saudade do Brasil e deseje voltar para o ambiente onde o cotidiano por vezes faz mais sentido, essa também traz segurança, pois na China a população não tem armas de fogo. Os furtos são feitos com facas, os bancos não tem portas eletrônicas e a polícia faz patrulhamento pelas ruas com carros parecidos com os que no Brasil são usados para

jogar golf, como foi lembrado por uma migrante. A vida na China traz o aumento do poder de compra, as viagens e todos os encontros questionam ao brasileiro qual é o lugar de viver, aonde é a sua casa. Questionam as relações familiares porque ao mesmo tempo em que se tem saudade, ao saírem do circuito familiar do dia-a-dia, os brasileiros passaram a ser tratados de outro modo e a ter um relacionamento melhor com seus familiares. Um migrante coloca que os brasileiros questionam aonde é melhor criar seus filhos, pertos dos avôs no Brasil, ou num lugar aonde o mesmo vai conviver com diversas culturas, num lugar onde tem segurança.

3.4.6 Se não é a China e não é o Brasil, então é aonde?

Nesta experiência de migração, os brasileiros têm sentimentos bastante ambíguos, se questionando aonde é a sua casa. Como diz essa migrante:

As pessoas não vêm morar na China pelo amor ao país. A galera vai para Europa para colher maçã, para limpar prato, só pelo amor a Europa. A gente vem pela grana. Tu não tens uma paixão por conhecer a cultura. No início tu até foges disso, mas depois as coisas começam a se tornar interessantes. Só que a gente abdica de muitas coisas para estar aqui. Fico pensando se realmente é a grana que me mantém porque ela não compensa o que eu estou perdendo lá. Só que daí passo quinze dias no Brasil, já estou louca para voltar pra China. Pra minha casa, minha privacidade, minhas coisas, meu dia a dia. Mas quando chego na China, fico deprê porque sei que está muito longe de eu ir para o Brasil novamente. Às vezes, eu sinto como se eu não fosse de lugar nenhum. No Brasil tem minha família, meus amigos, mas não tem minha casa. E cada vez que eu vou para lá percebo que as pessoas não mudam, envelhecem, mas não mudam. Daí penso, não quero essa vida para mim e sei que se eu voltar a gente se acostuma a viver daquele jeito, tipo alienado sabe. Mas quando chego na China, no fim de semana falta o que fazer. Daí inventamos um carteadão, reunimos os amigos, comemos um churrasquinho, ou vamos no One for The Road (pub inglês frequentado por estrangeiros de várias nacionalidades em Dongguan). E assim ficamos nessa de ter duas casas e às vezes não ter nenhuma.

Problematizamos o sentimento de “onde é a casa” do migrante brasileiro, por ter aparecido tantas vezes em suas falas. A cada visita ao país, os brasileiros têm um novo encontro. Encontro dos quais emergem uma série questionamentos, afetos e afecções. Encontros que colocam os migrantes a pensar do que mesmo que eles sentem tanta saudade, tanta falta.

Baumann (1999) articula sobre os problemas da sociedade do consumo e coloca ainda que os sujeitos desta sociedade têm o sentimento de que sempre poderiam estar em outro lugar. Esses estão fadados a moverem-se sempre. “Não se pode ficar parado em areia movediça” (Baumann, 1999, p. 87).

Os brasileiros em Dongguan perceberam então, diante de tantos estranhamentos e dúvidas, à necessidade de criar um território existencial para se sentirem “em casa”, que permita os mesmos habitarem a China. Território no qual podem expressar os afetos vivenciados face às diferenças, aos estranhamentos, aos questionamentos. Território que atualiza esse “entre” que vive o brasileiro na China, uma espécie de obra-cidade que chamamos de “cidade subjetiva”.

4. A cidade subjetiva (O Entre)

*Entre um rosto e um retrato
O real e o abstrato
Entre a loucura e a lucidez
Entre o uniforme e a nudez
Entre o fim do mundo e o fim do mês
Entre a verdade e o rock inglês
Entre os outros e vocês*

*Eu me sinto um estrangeiro
Passageiro de algum trem
Que não passa por aqui
Que não passa de ilusão (...)*

(Humberto Gessinger – A revolta dos Dândis)

Esta carto(foto)grafia nos demonstrou o quanto os modos de produção capitalísticos ao mesmo tempo em que capturam e produzem os desejos da sociedade contemporânea, possibilitam ao impulsionarem a experiência de migração à problematização da vida. A globalização, como desenvolvemos desde o início da nossa reflexão, sob a lógica capitalística, abriu portas entre os países. As culturas e ‘totalidades’ sociais entraram em um processo de erosão, desencadeado pelos progressos tecnológicos e de velocidade de informação (Baumann, 1999, p.21).

A migração de brasileiros atualmente é motivada pela miscigenação existente no Brasil e pelas dificuldades do mercado de trabalho do país (Beltrão e Sugahara, 2006, Corsini, 2005, Martine, 2005, Patarra, 2006, Sasaki, 2006). A lógica capitalística impulsiona o sujeito a vivenciar a migração, procurando por melhor condição salarial e conseqüente maior capacidade de consumo. Contudo, a mesma lógica que impulsiona o sujeito a vivenciar a migração, coloca-o diante da problematização da mesma. O encontro

do migrante brasileiro com a China faz o sujeito questionar seus referências, valores que estão em sua constituição.

Percebemos nas oficinas, nas imagens, nas falas, enfim no encontro com os migrantes que os mesmos têm dúvidas quanto a ser o dinheiro o que os mantém na China. Esse parece não compensar a perda do convívio familiar, do céu azul, entre outras coisas das quais os mesmos sentem falta. Contudo, os migrantes brasileiros se perguntam se o Brasil seria o país no qual eles querem morar, porque face aos encontros com a vida chinesa e as decepções em relação ao Brasil, os brasileiros criam outros modos de vida. Assim, a mesma lógica que motiva o sujeito a migrar é que o coloca a problematizar suas experiências e construir caminhos singulares.

O processo do migrante no encontro com a China torna-o cidadão do mundo. Não cidadão da China, nem cidadão do Brasil. E essa é uma das razões pelas quais os brasileiros não querem ficar na China, mas não retornam ao Brasil. O Brasil também não dá mais conta de todas as intensidades experimentadas pelo brasileiro no encontro com a China, e por isso ele tem a impressão de que voltar é “alienação”, como disse uma migrante. O Brasil não atualiza os afetos que no encontro com a China transformaram o cidadão brasileiro.

Podemos afirmar que o capital continua influenciando, impulsionando o sujeito a vivenciar uma nova migração para outro país ou ainda mantendo o migrante na China como garantia de bons salários. No entanto, não podemos negar o questionamento de

referenciais decorrente do processo de migração. As afetações que emergem no encontro do brasileiro com a China coloca-o a pensar e o transforma. O retorno do brasileiro ao Brasil assim, pode trazer a necessidade de novos encontros, a criação de um território existencial, um “entre”, que permita a expressão de afetos vivenciados diante do novo encontro com o país de origem.

Ser brasileiro e viver na China é habitar “entre”, é viver entre àquilo do Brasil que o subjetivou durante anos de sua vida e ainda o subjetiva e àquilo da China que o atravessa, subjetivando e causando estranhamento. O “entre” é o espaço de quem não é o chinês na China, nem o brasileiro no Brasil. Sustentar esse espaço é morar do outro lado do mundo e não pertencer a nenhum lugar. É viver entre o desejo de ficar e o desejo de voltar. É sustentar incertezas, habitar algo entre a experimentação e a alienação, entre conhecimento e estranhamento, entre os choros e gozos, entre saudade e decepção, entre realização profissional e a falta, entre dinheiro e amor. É habitar entre chineses, indianos, italianos, filipinos, americanos. Intensidades pulsantes, um pouco de tudo e nada ao mesmo tempo, algo do excesso e do vazio. Viver entre é se deparar com todos os “eu”s que me habitam, o migrante, a filha, o marido, a profissional, a viajante, o fotógrafo, a cozinheira, o provedor, a estudante, o brasileiro, a chinesa, o habitante, a cidadã.

O brasileiro, filho, profissional, cidadão, migrante, em Dongguan, experimenta a ausência de um universo de referências, seja pelo não reconhecimento dos caracteres ou pelos questionamentos que o próprio estranhamento cultural produz sobre os valores que antes eram referenciais. Contudo, a ausência de referenciais pede por uma lógica de

sobrevivência, esta experimentação pede por um habitar possível que crie um sentido. Assim, o universo de referências é encontrado numa espécie de “obra-cidade” que a comunidade brasileira criou para conseguir habitar o território China.

Pechman (1994, p.1) coloca que a cidade é “enganadoramente transparente e verdadeiramente opaca”. A cidade esconde segredos através de sua visibilidade, segredos os quais podem ser tanto forças de captura como linhas de fuga. Essa é espaço do desejo, possibilidade de civilização, de conhecimento, campo de signos e sentidos.

As transformações de uma cidade são resultados da conexão entre os países, mas também dos seus grupos, da arte coletiva (Frayze-Pereira apud Fonseca in Fonseca & Kirst, 2003). A cidade é uma “obra por excelência”, organizada, instituída e também criada por seu coletivo, pessoas, signos, coisas (Fonseca in Fonseca & Kirst, 2003, p. 256). Os sentidos são a realidade espessa da cidade, eles estão ligados aos seus habitantes e transmitem a sensação de estar em casa. Assim, os corpos habitam e são sustentados pela cidade, contudo não estão nela (Fonseca in Fonseca & Kirst, 2003). A cidade subjetiva é a morada dos corpos, aonde os territórios existenciais são construídos por um universo de referências.

A obra-cidade é a cidade subjetiva, onde os migrantes brasileiros na China sentem-se em casa. É a cidade dos brasileiros criada pelo encontro destes com Dongguan. Nela compartilham-se valores, referências e sentidos. Território existencial onde os migrantes dividem suas dificuldades e arranjam caminhos para suportá-las. Esta cidade

subjetiva é criada tentando dar conta da falta da familiaridade das relações com o mundo, buscando sentidos relacionados a sensações experimentadas, significações, transformando esse espaço “no lugar onde eu moro, na minha casa”.

E assim o devir-migrante do brasileiro vai passando entre os encontros, a cada encontro novas mutações e novos encontros. O devir-migrante passa entre as cidades, entre cidadãos, entre nacionalidades, entre os gêneros, entre nômades, entre mutantes, não adquirindo forma alguma. Imprevisível e indiscernível, o devir-migrante toca outros devires, devir-mulher, devir-mundo, devir-entre.

5. Referências Bibliográficas

- Barthes, R. (1984). *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Baumann, Z. (1999). *Globalização, as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Beltrão, K. I. e Sugahara, S. (2006). Permanentemente temporário: dekasseguis brasileiros no Japão. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 61-85, jan./jun.
- Caligaris, C. (1994) Elogio da Cidade. In Pechman, R. M. (organizador). *Olhares sobre a Cidade* (pp. 83-103). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- Carvalho, A. C. de (s/d). O impacto negativo da pitaria no cenário mercadológico e as dificuldades no combate à falsificação. *Revista do IBRAC*. Acesso em 12 de julho de 2007. Disponível em < <http://www.ibrac.org.br/outros/arilson.pdf>>.
- Corsini, L. (2005). Migrações e novas territorialidades. *Subjetividade e Contemporaneidade*. n.16.
- Costa, A. M. M. (2000). Exílio e memória. In Costa, A. M. M., Melman, C. & Chemama, R. et Al, *Imigração e Fundações* (pp 13-20). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. (P.P. Pelbort, Trad.). Rio de Janeiro: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1990).
- _____ (1996). O que é um dispositivo? In: G. Deleuze, *O mistério de Ariana* (pp. 83-96). Lisboa: Vega.
- _____ (1997). *Clínica e crítica*. Editora 24 RJ.
- _____ (2002). *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta.
- _____ (2003). *Lógica do sentido*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Embaixada do Brasil em Pequim. Acessado em 10/04/2007. Disponível em < http://www.brazil.org.cn/index_pt.htm>.

- Ferreira, R. N. (2006). Quem tem medo da verdade: Será o calçado uma commodity? Revista Courobusiness. Acesso em 24 de outubro de 2007. Disponível em <<http://www.courobusiness.com.br/coluna/16.php>>.
- Fonseca, Tânia Mara & Kirst, Patrícia Gomes. (2003). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Guattari, F.& Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. 4 ed. São Paulo: Vozes
- Governo de Dongguan. Site oficial. Acesso em 15 de set de 2007. Disponível em <<http://english.dg.gov.cn/POPULATION.htm>>.
- Kastrup, Virgínia (2007). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*; 19(1): 15-22, jan/abr. 2007.
- Koller, S. H. & Silva, L. N. (2002) O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estud. psicol. (Natal)* vol.7 no.2 Natal July/Dec.
- Lessa, J. M. (2006) A Clínica como Exercício Ético dos Encontros Afetivos. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Maciel, K. (1996). A última imagem. In: Parente, A. *Imagem Máquina* (pp. 253-257) Rio de Janeiro: Editora 34.
- Martine, G. (2005). A Globalização Inacabada: migrações internacionais e a pobreza do século XXI. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 3-22, jul./set.
- Passos, E.(2002). *A relação entre cognição e artifício no contemporâneo: os limites do humano*. Acessado em 23/11/2006. Disponível em <http://www.slab.uff.br/exibetexto2.php?link=.%2Ftextos%2Ftexto12.htm&codtexto=12&cod=12&tp=&nome_autor=Eduardo&p=>>.
- Patarra, N. L. (2006). Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos avançados*. 20 (57).
- Paulon, S. M. (2005). A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, 17 (3):18-25, set-dez.
- Pechman, R. M. (1994) Apresentação. In Pechman, R. M. (organizador). *Olhares sobre a Cidade*. (pp. 1-2). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- Pelbart, P. P. (2000). *A vertigem por um fio: políticas de subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras.
- Pereira, R. F.(2000). Identificação e Autonomia: questões sobre o regional e o global em solo brasileiro. In Costa, A. M. M., Melman, C. & Chemama, R. et al. *Imigração e*

Fundações (pp 93-101). Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Rauter, C. (2003). Oficinas para quê? In: Amarante, Paulo (org.) *Ensaio - Subjetividade, saúde mental, sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.:267-278.

Rolnik, S. (1989). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade

_____ (1998). Subjetividade Antropofágica. In: Herkenhoff, P. & Pedrosa, A.(ed.) *Arte Contemporânea Brasileira: Um e/entre Outro/s* (pp. 128-147). XXIV^a Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo. Acessado em 07/07/2006. Disponível em <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Subjantropof.pdf>>.

_____ (2000). Esquizoanálise e Antropofagia. In Gilles Deleuze. *Uma vida filosófica* (pp. 451-462).São Paulo: Editora 34.

Sasaki, E. (2006). A imigração para o Japão. *Estudos Avançados*. 20 (57).

Sukup, V. (2002). A China frente a globalização: desafios e oportunidades. *Revista Brasileira de Política Internacional*, jul-dez, vol 45, n. 002. Instituto brasileiro de Relações Internacionais de Brasília, (pp 82-113), issn: 0034-7329.

Tacca, F. (2005a). O gigante campesino de Martin Chambi. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, número 18, PPCIS/NAI/UERJ, Contra Capa, Rio de Janeiro.

_____ (2005b) Imagem fotográfica: aparelho, representação e significação. *Psicologia & Sociedade*, 17 (3), 09-17; set/dez.

Wikipédia: a enciclopédia livre. Acesso em 12/09/2007. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org>>.

___de 20__.